



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE MÚSICA DA UFPA
LICENCIATURA PLENA EM MÚSICA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CAPANEMA
PROGRAMA NACIONAL DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DA
EDUCAÇÃO BÁSICA**

ALBERTO DE SOUSA CORDEIRO

**GRUPO RAIOS DE SOL: TOQUES E CANTORIAS NA
MARUJADA DE QUATIPURU**

CAPANEMA-PA

MAIO/2013

ALBERTO DE SOUSA CORDEIRO

**GRUPO RAIOS DE SOL: TOQUES E CANTORIAS NA
MARUJADA DE QUATIPURU**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
para avaliação da disciplina TCC II do Curso
de Licenciatura Plena em Música da
Universidade Federal do Pará.

Orientadora Profa. Dra. Sônia Chada

CAPANEMA-PA

MAIO/2013

ALBERTO DE SOUSA CORDEIRO

**GRUPO RAI0 DE SOL: TOQUES E CANTORIAS NA
MARUJADA DE QUATIPURU**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
para avaliação da disciplina TCC II do Curso
de Licenciatura Plena em Música da
Universidade Federal do Pará.

Data de apresentação: ___/___/2013.

Banca examinadora:

_____, Orientadora.

_____, Membro.

_____, Membro.

Resumo

CORDEIRO, Alberto de Sousa. **Grupo Raio de Sol: toques e cantorias na Marujada de Quatipuru.** Capanema (PA), 2013. 91 fls. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Música– Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

A Festa da Marujada ou de São Benedito, como é conhecida, com seus 175 anos de tradição, consiste de várias apresentações de danças ritualísticas em homenagem ao “santo preto” - São Benedito. Os marujos dançam o carimbó, o retumbão, o chorado, a valsa, o peru, o xote, entre outras. O Grupo Raio de Sol é o responsável pela música que acompanha a Marujada de Quatipuru, anunciando a festividade de São Benedito e exaltando a vida do povo quatipuruense e sua cultura, patrimônio artístico musical transmitido oralmente. A prática musical, por um lado faz esculpir pela memória um repertório constantemente renovado, que ao mesmo tempo se funde e se particulariza, mas por outro lado se fragiliza diante da influência progressiva da comunicação de massa, se tornando suscetível ao esquecimento, ao preconceito e à dissolução, além de manter esse conhecimento restrito às comunidades ou aos grupos que o cultivam. Reconhecendo que a música é o reflexo da vida em sociedade e que a mesma transmite valores morais, religiosos e políticos, busca-se, aqui, compreender a prática musical do Grupo Raio de Sol por meio de um estudo contextualizado no complexo cultural da Marujada de Quatipuru. Investigar a atuação do Grupo Raio de Sol na Marujada de Quatipuru, observando sua prática musical, é o objetivo principal deste trabalho.

Palavras-chave: Marujada; Grupo Raio de Sol; Prática musical;

Abstract

The Feast of Marujada or St. Benedict, as it is known, with its 175 years of tradition, consists of several presentations of ritualistic dances in honor of the "holy black" -St. Benedict. The marujos dance carimbó, the retumbão, the chorado, the waltz, the peru, the xote, among others. The Grupo Raio de Sol is responsible for the music that accompanies the Marujada of Quatipuru, announcing the feast of St. Benedict and exalting the life of the people and their culture, the artistic musical transmitted orally. Musical practice, on the one hand makes sculpting the memory repertoire constantly renewed, which both melts and is particularized, but then it weakens before the progressive influence of mass media, becoming susceptible to forgetfulness, prejudice and dissolution and to maintain this knowledge in restricted communities or groups that cultivate. Recognizing that music is a reflection of society and that it conveys moral, religious and political questions here, understand the musical practices of the Grupo Raio de Sol through a contextualized study of the cultural complex of Marujada de Quatipuru. Investigate the performance of the Grupo Raio de Sol in the Marujada of Quatipuru, watching his musical practice, is the main objective.

Keywords: Marujada; Grupo Raio de Sol; Musical practice;

Agradecimentos

A Deus que é o artista perfeito, e que me possibilitou mais uma oportunidade de crescer, permitindo-me a realização do Curso de Música.

Aos meus admiráveis pais Geraldo Cordeiro (In Memoriam) e Luiza Sabino, que por meio de seus exemplos e dedicação a família ensinaram-me a salvar os meus sonhos de forma justa.

Aos meus irmãos e irmãs Claudionor, José Nilson, Luis Walter, Rosinéa e Rosângela, que diante das certezas e incertezas da vida chegamos à conclusão de que a família é um santuário de amor, e que tudo inicia a partir dela, principalmente ir em busca das nossas realizações.

A amada família Dias, em especial a tia Maria, a mulher repleta de humildade e sabedoria que me acolheu em seu lar durante cinco anos, e que sempre torceu e vibrou pelas minhas vitórias.

A minha amada e respeitada professora da 4ª série do ensino fundamental, Maria das Neves Maia de Sousa, que me motivou para a leitura e para as artes, impulsionando-me a conhecer uma nova linguagem.

As minhas irmãs amigas: Simone Lopes, Maria Célis, Eliânia Negrão e Benigna da Paixão, pelas demonstrações de carinho e incentivo nas horas que o fardo pesava.

Aos companheiros da turma, sou grato por me ajudarem a lidar com as diferenças.

Aos professores que estiveram conosco compartilhando de suas experiências e convidando-nos a experimentar de uma nova linguagem.

A amável Sônia Chada, que na sua simplicidade me fez perceber as riquezas inconfundíveis que o tempo não tirará de minhas lembranças. Ter lhe escolhido como orientadora foi uma das demonstrações de carinho e admiração que sinto por ti.

Não poderia deixar de expressar a minha gratidão a Maria Esperança, a qual me fez conhecer o mestre Come-barro e reconhecer em sua pessoa e no Grupo Raio de Sol os mensageiros da cultural popular quatipuruense, anunciada em seus toques e cantorias.

Ao senhor Raimundo Rodrigues Alves, mestre Come-barro, aos músicos do Grupo Raio de Sol, aos marujos e marujas, e a todos aqueles que dispuseram as informações devidas para enriquecer as minhas pesquisas. Que São Benedito abençoe a todos, colocando-lhes em seu colo de amor.

Muitíssimo obrigado a vocês que são parte da minha história!!!

Sumário

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I-DA ÁFRICA, À ILHA DO TITICA DE SINHÁ ENRIQUETA, À VILA DE QUATIPURU.....	16
CAPÍTULO II – O GRUPO RAIOS DE SOL: REVIVENDO A MEMÓRIA NA MARUJADA DE QUATIPURU.....	41
CAPÍTULO III – CANTORIAS E TOQUES COM PAUS E CORDAS.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	91

Dedicatória,

Ao senhor Raimundo Rodrigues Alves, mestre Come-barro,
pela incansável dedicação junto ao Grupo Raio de Sol,
na difusão da cultura de Quatipuru.

Com Amor e Devoção

Da dor nasceu a esperança
De cantar a nova canção
Que fala de escravos e marujos
São Benedito e celebração

Nas danças ao som dos tambores
Da rabeca e tamborim
Vão relembrando as histórias
De pessoas que viveram aqui

Na Festividade da Marujada
Celebrada no Barracão
Vão dançando peru, carimbó
Xote, chorado e retumbão

Para alegrar essa festa
De 175 anos de tradição
O Grupo Raio de Sol
Vai fazendo a animação

Narrando a história do povo
Com seus toques e cantorias
Glorificando o santo “preto”
Que abençoa o povo noite e dia.

Ao mestre Come-barro
Fiel a sua missão
Propaga a cultura de Quatipuru
Com amor e devoção

Viva São Benedito,
Grupo Raio de Sol
E marujos desse lugar!
Que com fé e regozijo
Vivenciam a cultura popular.

Alberto de Sousa Cordeiro
Maio de 2013

INTRODUÇÃO

Ao trabalhar na cidade de Quatipuru, a partir do ano de 2005, em meio a tantos encontros, deparei-me diante de uma nova realidade.

Cidade pequena, com um povo hospitaleiro, religiosidade estampada na fé dos católicos devotos de Nossa Senhora de Nazaré, dos evangélicos de assembleias afins e dos umbandistas e seus orixás e caboclos. Povo celebrativo, que depois de um festival acontecido, já estava se preparando para aquele que viria e que, independente da estação do ano, faça chuva ou sol, se fazia presente e vivenciava com entusiasmo cada festividade.

Lembro-me que no meado do mês de outubro daquele ano, comecei a ouvir comentários sobre o Festival da Marujada e, em cada diálogo, a curiosidade invadia o meu ser. Foi quando questionei sobre que festa era essa. Espontaneamente todos queriam responder ao mesmo tempo, mas, de repente, pairou naquele espaço um silêncio, foi quando eu pedi para que cada um falasse no seu devido momento. Começaram a me explicar que era uma festa antiga, que começou em uma ilha com os escravos que depois vieram para a vila de Quatipuru e que hoje, em dezembro de cada ano, essa festa acontece durante dez dias no barracão da Marujada.

Na medida em que relatavam sobre o surgimento da festa e a sua propagação, minha imaginação conduzia-me a visualizar cada detalhe. A partir desses relatos, quem já queria que chegasse o Festival da Marujada era eu, pois almejei ver de perto as danças, as vestes e o grupo que toca nesse encontro festivo. Pra mim, não bastava só ouvir os relatos, eu sentia a necessidade de adentrar naquele universo cultural e presenciar, bem próximo, os momentos da expressão cultural daquela gente.

O tempo ia passando e eu ansioso esperando o início da Festa da Marujada lá no barracão.

Ao concluir minhas atividades, fui convidado para a Abertura da Festa da Marujada a qual acontece durante dez dias do mês de dezembro. Instantaneamente perguntei: - dez dias? A resposta foi sim. Aguçou em mim o desejo de presenciar tudo e, sem pensar muito, me dirigi para o local da festa.

Como amante da arte, meus olhos ficaram atentos a cada mínimo detalhe, desde as mulheres trajando saias longas arredondadas na cor vermelha, chapéus cobertos de penas brancas com fitas coloridas penduradas, camisa branca, colares de cores diversas, até ao arrastar dos pés daqueles senhores, senhoras, jovens e crianças de diferentes idades que bailavam com os passos conectados as músicas que eram executadas por um grupo de homens que tocavam e cantavam ao som de tambores, reco-reco, cuíca, pandeiro, triângulo e rabeca.

Meus olhos quase não piscavam para não perder nenhum movimento sequer do espetáculo mágico que acontecia naquele local.

Encantado com tanta vivacidade, de repente percebi que meus ouvidos foram sendo invadidos pelos toques daqueles instrumentos e pelas vozes daqueles cantores que faziam ecoar suas canções de vida.

É isso mesmo que estou dizendo! Canções de vida. Desviei meu olhar das pessoas que dançavam e fitei meus olhos no grupo que tocava, esquecendo-me das outras pessoas que estavam ao meu redor. Senti-me tão próximo daqueles músicos e comecei a ficar atento às suas canções.

Na medida em que iam executando as músicas, eu percebia que elas descreviam as histórias das pessoas simples daquela comunidade. Canções que falavam de uma tal senhora Henriqueta Sinhá, de escravos, de São Benedito, das praias daquela região,

dos mangues ali existentes, dos pescadores e de suas pescarias, dos tiradores de caranguejos, do amor a sua terra, enfim, do cotidiano do homem daquela região.

Naquela noite comprovei que a música é resultado da vivência do homem, e que ela é instrumento de divulgação das histórias dos povos.

Invadido pela emoção que me contagiava, comecei a perguntar pra algumas pessoas que estavam próximas a mim quais os nomes dos toques que eram tocadas. Eles começaram a dizer vários nomes, os quais me eram desconhecidos.

Recordo-me agora, como se fosse naquele dia: mazurca, chorado, carimbó, retumbão, xote, valsa, as músicas que escutara tinham essas denominações e, o mais esplêndido, para cada estilo musical, coreografias específicas.

Em meio a um novo universo que encontrara e me encantara, sinto-me convidado a adentrar e a presenciar de perto a essência dessa manifestação que toca, canta e dança as origens do passado e do presente. A qual é motivada pelos toques e cantorias do Grupo Raio de Sol, grupo esse que motiva marujos, marujas, comunidade e turistas a vivenciarem com ardor aquela celebração festiva: A marujada de Quatipuru ou a Marujada de São Bendito, como é conhecida.

Determinado, resolvi pesquisar com profundidade o Grupo Raio de Sol, buscando conhecer a sua trajetória, a sua importância na Marujada e o porquê de sua prática musical no contexto da Marujada de Quatipuru.

Assim, o objetivo principal proposto para esta pesquisa foi o de investigar a atuação do Grupo Raio de Sol para a Marujada de Quatipuru, observando sua prática musical, toques e cantorias. Os específicos: Fornecer dados sobre a Marujada de Quatipuru; Relacionar e classificar o repertório musical do Grupo Raio de Sol; Registrar as composições do mestre Raimundo Rodrigues Borges - Come Barro.

Fui guiado, durante toda a pesquisa, com a meta de que os resultados apresentados neste trabalho sensibilizassem a comunidade quatipuruense a reconhecer o valor significativo do Grupo Raio de Sol na Marujada e no contexto sociocultural do município de Quatipuru, buscando incutir o sentido real que esses músicos e compositores possuem para a sociedade e para a Marujada local, para que as pessoas passem a compreender o porquê dessa prática musical e, assim, reconheçam que os diversos grupos sociais tocam e cantam a sua “história”, e que o Grupo Raio de Sol, com seus toques e cantorias, reflete o mundo cultural local, (re)avivando a identidade do povo quatipuruense. A música do Grupo Raio de Sol é o resultado da vivência desse povo e nela está estampada a sua crença, o seu fazer diário, os seus desejos e as suas esperanças.

Para responder aos objetivos desta pesquisa, realizei um levantamento de fontes bibliográficas que versam sobre a cidade de Quatipuru, sobre a cultura quatipuruense, sobre a Marujada e sobre o Grupo Raio de Sol. Pesquisei documentos de fontes primárias como folders, cartazes, artigos de jornais e revistas. Paralelamente foram realizadas observações da manifestação e entrevistas semi-estruturadas com os integrantes do Grupo Raio de Sol e da Marujada de Quatipuru, assim como moradores da localidade. Os relatos foram transcritos e todo o material coletado foi sistematizado para análise. Durante a festa da Marujada coletei mais informações sobre a influência do Grupo Raio de Sol na Marujada, registrando os momentos cruciais da festa.

Lancei mão das diretrizes metodológicas da história oral, acreditando que a fonte oral pode ser fidedigna. Importante mencionar que as entrevistas e demais registros foram feitos com a autorização dos entrevistados e que posteriormente será devolvidos aos mesmos, cópias desses registros.

O trabalho acadêmico está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo aponto a localização geográfica do município de Quatipuru, o contexto cultural, suas festas religiosas e profanas, enfatizando sobre a Festividade da Marujada.

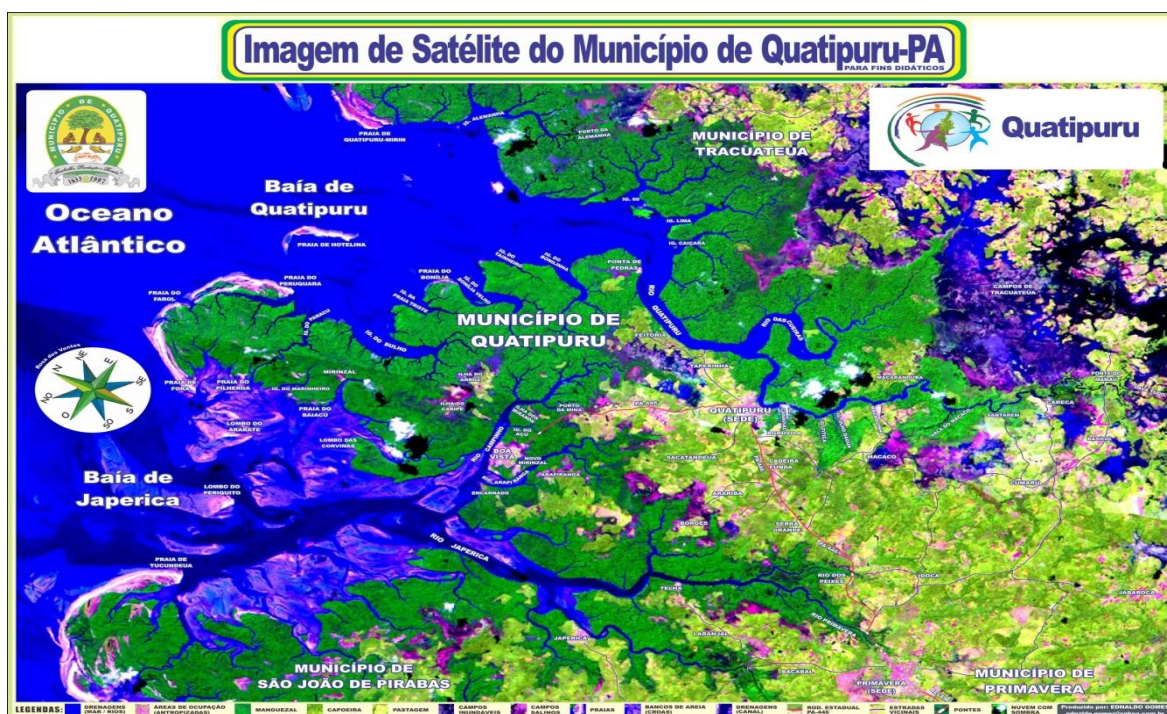
No segundo capítulo apresento uma abordagem sobre o Grupo Raio de Sol. Seu surgimento, músicos que formam esse grupo, parceria com a Marujada de Quatipuru e os trabalhos desenvolvidos pelo fundador - mestre Come-barro, junto à comunidade, como meio de difusão da cultura local.

No terceiro capítulo descrevo as músicas tocadas pelo Grupo Raio de Sol e faço uma análise reflexiva sobre a letra de cada canção, possibilitando aos leitores a contextualização dos toques e cantorias do Grupo Raio de Sol, com a história passada e presente do povo quatipuruense.

Nessa busca incansável procurei encontrar respostas para os meus questionamentos. Pude comprovar que as canções do Grupo Raio de Sol são histórias vivas que propagam e enaltecem a cultura do município de Quatipuru.

Capítulo 1 – DA ÁFRICA, À ILHA DO TITICA DE SINHÁ HENRIQUETA, À VILA DE QUATIPURU.

A cidade de Quatipuru é um dos mais novos municípios do Estado do Pará. Localiza-se no Nordeste Paraense, mais precisamente na Região dos Caetés, na Costa Atlântica da Amazônia Brasileira. Distante 210 km da capital do Estado, sua população é de aproximadamente 12.411 habitantes (IBGE, 2010). Limita-se ao norte com o município de São João de Pirabas, ao oeste com o município de Primavera, ao leste com o município de Tracuateua e ao sul com o município de Capanema. O nome do município origina-se de *acutipuru*, denominação dada a um mamífero roedor -*sciurusaestuans*, animal existente em grande quantidade neste espaço (BIBLIOTECA MUNICIPAL DE QUATIPURU/PA, s/d.).



Mapa do município de Quatipuru/Pa – via satélite
Fonte: Ednaldo Gomes

A maior fonte de renda do município de Quatipuru é a extração de caranguejos, os quais são retirados dos mangues locais, para serem beneficiados por famílias mais humildes, para depois serem vendidas a massa e as patas, tanto no município, como nas cidades vizinhas, e na capital do Estado.

A agricultura também é uma das fontes de renda do povo quatipuruense. Na zona rural, há o cultivo de feijão, de mandioca, de melancia e de hortaliças, os quais são cultivados por produtores rurais, para serem negociados na feira do agricultor, todos os sábados pela parte da manhã, em frente ao Mercado Municipal da cidade.

O pescado também faz parte desse universo econômico dos munícipes quatipuruenses, servindo de sobrevivência para algumas famílias do lugar.

Como todo povo, tem as suas manifestações religiosas e culturais, que marcam a sua identidade, a essência desse grupo social. A comunidade de Quatipuru também é identificada por inúmeras pessoas por causa da festa da Marujada.

De acordo com Carlos Rodrigues Brandão (2002, p.31-32), a cultura é uma criação e uma recriação que nos conduz a dar vida a símbolos, criando significados que nos possibilitará viver e conviver em sociedade:

A cultura existe nas diversas maneiras por meio das quais criamos e recriamos as teias, as tessituras e os tecidos sociais de símbolos e de significados que atribuímos a nós próprios, às nossas vidas e aos nossos mundos. De uma pequenina palavra a toda uma teoria filosófica, estamos continuamente elaborando, partilhando e transformando diferentes sistemas de compreensão da vida e de orientação da conduta social. Criamos os mundos sociais em que vivemos e só sabemos viver nos mundos sociais que criamos. Ou onde reaprendemos a viver, para sabermos criar com outros os seus outros mundos sociais. E isto é a cultura que criamos para viver e conviver.

O homem, a mulher, os jovens e crianças quatipuruenses também criam e recriam a sua história, fazendo germinar em seu cotidiano suas crenças, hábitos e costumes.

Em julho, no segundo final de semana, acontece na cidade o Festival do Caranguejo, considerado um dos maiores festivais de rua do Estado do Pará. Sendo que, na sexta-feira, o festival é iniciado com concurso de quadrilhas folclóricas do município e regiões vizinhas. No sábado (o ápice do evento), há festa com aparelhagem, tendo a escolha, por meio de concurso, da Garota Caranguejo. Os barraqueiros, além de venderem as bebidas, também negociam a sopa de caranguejo e o casquinho de caranguejo. O caranguejo no toc-toc é doado para as pessoas que estão consumindo em seu bar. No domingo, para encerrar a programação, há a apresentação de bandas musicais.

No segundo final de semana de setembro acontece o Festival do Camarão, tendo início no sábado com a festa durante toda a noite, venda de bebidas e distribuição de camarões gratuitamente para as pessoas que comprem as bebidas. No domingo, durante a tarde, a festa reinicia com o bingo dançante, estendendo-se até às 00h00min.

O Círio de Nossa Senhora de Nazaré, padroeira da cidade, é vivenciado anualmente no terceiro domingo do mês de outubro, sendo que, no primeiro domingo deste mês, acontece na igreja de São Benedito a Missa de envio, na qual o padre benze várias imagens de Nossa Senhora de Nazaré e, logo após as entrega para cada dirigente dos bairros, para que durante os 15 dias que antecedem o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, seja realizado em cada bairro as novenas em preparação para o momento maior. Na sexta-feira, uma semana antes da semana do círio, todas as imagens são conduzidas pelos fiéis de cada bairro para o encontro das imagens na igreja de Nossa Senhora de Nazaré, na qual é celebrada a santa missa, e é dado início a Festividade da Santa. Durante a semana, no interior da igreja de Nossa Senhora de Nazaré, é celebrada a missa, e logo após a celebração litúrgica acontece o arraial nos arredores da igreja, sendo que, na sexta-feira, é realizada a procissão rodoviária, que sai da capela da localidade chamada Serra, percorrendo as ruas de Quatipuru, acompanhada por hinos marianos e oração em direção à

igreja de Nossa Senhora de Nazaré. No sábado, de acordo com a maré, é realizada a procissão marítima. Os donos das embarcações enfeitam seus barcos e canoas e fervorosamente acompanham o barco que conduz o nicho no qual está a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, decorado com flores e folhagens. Ao término da procissão marítima a imagem é conduzida pelos fiéis até a igreja da padroeira da cidade. Durante a noite do mesmo sábado é realizada a transladação, na qual a imagem da virgem é conduzida em uma berlinda decorada com flores naturais e, em procissão, com hinos de louvor a Mãe de Deus e orações, a imagem percorre algumas ruas da cidade, recebendo homenagens e emocionando aqueles que assistem a sua passagem e sentem-se tocados por seu amor de mãe. Esse momento é encerrado quando a imagem chega à igreja de São Benedito. No domingo seguinte, a partir das 7h, inicia a missa campal em frente à igreja de São Benedito, dando assim início a mais um círio. Os devotos conduzem a imagem em sua berlinda pelas ruas da cidade, rezando, agradecendo e pedindo a Mãe Santíssima bênçãos para o seu viver, fogos são queimados para homenagear Nossa Senhora de Nazaré, altares dos mais simples aos mais sofisticados são montados em frente de algumas residências, como forma de dizer a Maria de Nazaré que independente da condição social ela é reconhecida e amada. A procissão ao chegar à igreja de Nossa Senhora de Nazaré é acolhida com aplausos e o presidente da festividade retira a imagem da berlinda, conduzindo-a até o pároco o qual dá a benção final aos fiéis.

Em meio a essas manifestações é realizada a Festa da Marujada, que acontece na época natalina. A Festa da Marujada ou de São Benedito, como é conhecida, consiste de várias apresentações de danças ritualísticas em homenagem ao “santo preto” - São Benedito – “santo dos pobres”.

Falar de Marujada sem ressaltar a colonização do Brasil é esquecer os valores culturais e religiosos de milhares de homens e mulheres africanos, que foram extraídos do

seio de sua pátria para servirem de forma escrava aos senhores brancos que chegaram às terras brasileiras, como ressalta Roberto Benjamin:

A colonização do Brasil somente foi possível com a imigração forçada dos africanos. Portugal tinha uma reduzida população, que não poderia vir povoar os grandes espaços do Brasil. A escravidão do índio demonstrou-se insuficiente para realizar o trabalho produtivo da nova colônia. Foram então trazidos da África milhares de homens e mulheres, num período de quatro séculos. Apesar da injusta situação da escravidão, do despojamento dos indivíduos escravizados, da política de separação das famílias e dos grupos étnicos, os africanos e os afrodescendentes deram uma contribuição fundamental para a cultura brasileira. A visão de mundo, a religiosidade, a música, a dança, a vestimenta, a culinária dos escravos resistiram à opressão durante o período da Colônia e do Império. A forma de ser brasileiro foi totalmente impregnada pelas contribuições africanas. E em relação às festas não poderia ser diferente (2004, p.241).

Entranhados pela sua cultura, os negros que chegaram até as terras brasileiras no período da colonização do Brasil, não deixaram a dor da crueldade apagar em sua essência os valores culturais que receberam em sua terra de origem. Como testemunha do amor a sua etnia, homens e mulheres escravizados, nos momentos oportunos foram introduzindo, de maneira estratégica, as suas danças, crenças, vestimentas, culinárias, enfim, a sua cultura. Essas atitudes são perceptíveis na origem da Marujada. De acordo com a entrevista concedida à rádio da UFPA, o professor Thales Brancha de Mendonça, professor formado em letras pela UFPA e pesquisador dos Mascarados, da Festa da Marujada de Quatipuru, relata:

O documento do seu Saturnino organizou o que tinha por entendimento dos antigos da região sobre a origem da Marujada. Há um certo senso comum de que a festa se origina primeiramente na ilha de Titica – que é realizado primeiramente por negros escravos, liderados pela Maria Pretinha, que foi a primeira capitoa da Marujada, a primeira liderança feminina, que de modo se tem até hoje essa tradição feminina. Na fazenda da Sinhá Henriqueta houve um grande surto de varilla (sic), tinha matado vinte negros, e Maria Pretinha pediu que se realizasse um ritual em relação à complicação que tiveram ali. Naquele momento, ali surgiu o que veio a ser a Marujada. Claro que tem todo o desenvolvimento desse processo. No primeiro momento, por exemplo: enquanto se organizou dentro do espaço da senhora Henriqueta, não havia esmolação e se restringia às pessoas que estavam ali dentro daquele contexto. Agora a partir da Abolição da Escravatura, Sinhá Henriqueta libera os escravos, então a Marujada se muda pra Quatipuru, e muda a capitoa e várias transformações acontecem. Transformações que a gente não tem

exatamente como precisar no ponto de vista mais objetivo, porque se perdeu exatamente no tempo, não há documentação. Há narrativas de como se procedeu isso. A festa já nasce com a devoção a São Benedito, mas até isso, pode ser relativizado, por que a gente sabe como se desenvolveu essas relações entre cultos católicos e as religiosidades de matriz africana no Brasil. A gente sabe que tem essa aproximação com o sincretismo religioso, e na realidade, até hoje, na Marujada de Quatipuru especificamente há uma fala muito forte das pessoas ligadas ao Tambor de Mina, a Umbanda, de que São Benedito é sincretizado como Verequete (que é um vudum que dentro da cultura de mina já seria uma divindade que estabelece outros padrões significativos e simbólicos, mesmo que fazem com a imagem de Verequete cruzado com a de São Benedito, gerar um outro tipo de religiosidade e devoção mesmo dentro do contexto da Marujada de Quatipuru, especificamente a esmolação tem até um valor e uma maneira de ser que é diferente de Bragança. Na Marujada de Quatipuru todo o levantamento administrativo e financeiro para que se possa realizar a festa, ele vem na maior parte por doações que acontecem dentro do período da Festa da Marujada. Então, tem uma situação que é interessante frisar: é que a esmolação, ela também estabelece além da devoção, uma função que é de estruturar a festa financeiramente. Na esmolação, as comitivas percorrem os espaços e vão conseguindo as doações e dinheiros pra levantar e construir efetivamente a festa. Em Quatipuru, por exemplo, tem anos em que a esmolação nem sai, e isso, é sempre uma grande questão, se existe a devoção a São Benedito, então essa esmolação precisa sair, porque ele tem um fim que é religioso, também porque o santo precisa percorrer, precisa ir nas casas dos devotos do santo. Tem toda essa questão religiosa, mesmo estando associada com esta estrutura administrativa da festa, mas afetivamente essa esmolação em Quatipuru, mas é durante a festa que ela se estrutura de maneira significativa. Durante o período da Festa da Marujada, de 17 de dezembro a 27 de dezembro, especificamente durante os almoços em que você tem a presença maciça da população quatipuruaense e de pessoas vindas de fora, é naquele momento. Ali você tem os livros das doações e as pessoas vão falando: olha, eu vou doar um boi ou fulano de tal vai doar um boi. Já tem até uma conotação política, porque quem é que está participando da festa?, Quem é que está contribuindo? Os almoços dentro da festa de Quatipuru que eles sempre gostam de ressaltar que é de graça, que é pra todo mundo (Entrevista concedida à rádio da UFPA, em 22 de março de 2012).

Por que tamanha estratégia por parte dos negros da ilha do Titica em querer vivenciar sua cultura em terras alheias? Maria Pretinha e os outros escravos que restaram na ilha do Titica, amantes dos valores culturais de sua terra natal, se apropriaram do momento de dor pela morte de seus irmãos escravos, vítimas das chagas que os matara, para reacenderem a chama das manifestações culturais da tão amada terra África e, aliviar, de alguma forma, as separações cruéis que os maltratavam. Para eles, trazer à tona naquele

momento os seus costumes e crenças seria como se estivessem de volta à África, comungando das manifestações culturais do seu povo.

O desejo de reavivar suas origens contagiou os escravos que restavam na Ilha do Titica da senhora Sinhá Henriqueta. A partir da dor surge o desejo de não deixar calar as suas origens. Mas como tomar tal atitude perante a sua “dona” Sinhá Henriqueta?

Chegara o momento de introduzir nas danças o santo cultuado pela dona dos escravos. Dessa maneira, a mesma se sentiria sensibilizada e não hesitaria, pois os negros estariam se enquadrando nos costumes religiosos de sua dona e, assim, vivenciariam com mais frequência sua cultura. A partir daí, São Benedito passou a ser também cultuado pelos escravos, nascendo à devoção a São Benedito. Os escravos por não terem a liberdade de expressar sua religiosidade, utilizavam de estratégias para usar os santos da igreja católica, cultuados por seus senhores, para prestarem culto às suas entidades.

É visível em alguns marujos essa devoção ao santo “preto”, que na igreja católica é São Benedito e na umbanda é Verequete - vodum do mar e, nesse sincretismo religioso, vai nascendo não somente nos umbandistas, mas em pessoas de outros credos, mesmo que não acreditando nos rituais umbandísticos, mas tem fé que São Benedito ou Verequete derrama bênçãos ou repreende aqueles que brincam com ele.

Mas, como começou a Festa da Marujada de São Benedito em Quatipuru?

Segundo relato do senhor Raimundo Rodrigues, popularmente conhecido como “Come Barro”:

No ano de 1838, foi na ilha do Titica, localizada às margens do rio Quatipuru que tudo começou. A senhora conhecida como Henriqueta Sinhá, proprietária da ilha, comandava as atividades do trabalho de muitos negros que por lá viviam, durante suas horas de descanso, principalmente à noite, os escravos aproveitavam para cantar, dançar e expor entre eles os seus rituais e costumes. Era comum eles fazerem uma fogueira e dançar ao redor dela, com o decorrer do tempo, isso foi transformando-se em tradição entre eles, os enfeites nos chapéus, penas de pássaros e pulseiras, começaram a fazer parte dos seus costumes durante suas festas. As escravas vestiam saias compridas para rodarem

em torno da fogueira, dessa forma os seus movimentos ganhavam mais destaques. Surge daí a nossa atual e tradicional e famosa Festa da Marujada (BIBLIOTECA MUNICIPAL DE QUATIPURU, Registro nº 01, s/d)

Envolvidos pela manifestação, os marujos dançam o retumbão, o carimbó, o chorado, a valsa, o peru, o xote, entre outras, acompanhados pelas músicas que o grupo musical executa, ao som dos instrumentos musicais - tambor grande e pequeno, cuíca, pandeiros, rabeca, viola, cavaquinho e a onça, demonstrando assim, a vivacidade que essa celebração tem para os marujos, músicos e para a comunidade local.

A marujada, o retumbão, a rabeca não são somente memória, são o presente, são o futuro, porque também pertencem à cultura de Quatipuru.

Esse momento festivo desperta, em quase toda a comunidade quatipuruense, uma expectativa de viver mais um novo encontro, no qual crianças, jovens, idosos, homens e mulheres se confraternizam no barracão da Marujada ao som dos tambores e instrumentos de cordas, dançando a Marujada e pedindo a São Benedito proteção e agradecendo pelas graças concedidas.

A Marujada com seus 175 anos de tradição, destaca-se por sua relevância perante outras manifestações tradicionais existentes no município, propiciando aos munícipes sua marca registrada, por todo brilhantismo e encanto que essa festa proporciona à comunidade local e aos visitantes, além de criar um cenário imaginário no pensamento dos marujos e daqueles que assistem a essa festa celebrativa em relação ao surgimento dessa manifestação que aconteceu na ilha do Titica, localizada às margens do rio Quatipuru, na ilha da senhora Henriqueta Sinhá, proprietária daquele espaço.



Cortejo da Marujada de Quatipuru pelas ruas da cidade.

Fonte: <http://portalquatipuru.com>

A Marujada quatipuruense (re)aviva, na memória do povo, as danças, as vestimentas, os adereços, os toques e as cantorias daqueles que fizeram germinar na Ilha do Titica da senhora Henriqueta Sinhá, os primeiros passos, as primeiras canções da atual Marujada de Quatipuru, servindo como um elo entre marujos e tocadores que dançam e cantam louvando a São Benedito e aqueles que buscam compreender como algo que aconteceu há 175 pode resistir no tempo e no espaço.

Em meio a essa manifestação popular, ainda na ilha do Titica, surge a figura indispensável da mulher que comanda as danças dos marujos e marujas – a capitoa.

Em diálogo a senhora Damiana relata:

A escrava Maria Pretinha é considerada a primeira capitoa da marujada, precursora dessa tradição. Lá na ilha do Titica, era ela quem organizava as danças, as cantigas, os enfeites. Tudo passava pelas mãos dela, seu desmedido interesse por tudo isso, lhe conferiu o título de capitoa (BIBLIOTECA MUNICIPAL DE QUATIPURU, Registro nº 02, s/d).

A presença desse personagem na Festa da Marujada é perceptível e indispensável. A capitoa sempre está mais enfeitada que as outras marujas, além de

carregar um bastão decorado na mão direita, o qual lhe dá certo poder e, como Maria Pretinha, conduz as danças, organiza os pares, dá início e encerra as coreografias.



Capitosa organizando a saída dos marujos
Fonte: <http://blogmanamani.wordpress.com>

A capitosa escolhe a sub-capitosa, que juntamente com o capitão, auxiliarão a capitosa na organização das danças. Eles exercem na Marujada uma função de autarquia, sendo os maiores responsáveis pela moral e pela ética dentro do grupo.

A sub-capitosa só assumirá o cargo de capitosa pela morte ou renúncia daquela que exerce a função maior na festividade. Os marujos têm um respeito incondicional, principalmente à capitosa. Esta tem autoridade sobre o grupo e qualquer pessoa que quiser dançar a Marujada, tem que pedir permissão para ela.

As danças dos marujos são conduzidas de forma harmônica por essa personagem que está sempre atenta para os passos dos brincantes, tendo sempre a preocupação pela perfeição, pois, segundo ela, aquele momento festivo é pra São Benedito e, sendo pro santo, não é permitido que se faça de qualquer jeito. É necessário dar o melhor

de si, porque São Benedito merece sempre o melhor (Entrevista realizada em 05.03.2013, com a Sra. Raimunda, atual capitoa).

Outros personagens indispensáveis nesse contexto são os juízes. Sempre um casal de pessoas da comunidade, que diferente da capitoa, são escolhidos por votação, para o ano vindouro. São eles os responsáveis pela organização da festa. Do ponto de vista administrativo, cuidam de toda parte do orçamento, doações, estruturação administrativa do evento, tendo sempre a preocupação em participar para a capitoa as suas decisões.

Nessas manifestações praticadas pelos escravos na ilha da senhora Henriqueta Sinhá, surge também a presença da figura de São Benedito, santo adotado pelos negros como santo protetor - O Padroeiro. Mas, por que a presença de São Benedito na Festa da Marujada? Que relação há do “santo preto” com as cantorias e danças dos negros que iniciaram a Marujada na ilha da senhora Henriqueta Sinhá?



Imagem de São Benedito
Fonte: interven virtuais.blogspot.com

O senhor José Osvaldo explicita a presença de São Benedito neste contexto:

Segundo conta a lenda, São Benedito era negro e foi escravo, sua vida foi marcada também por sofrimentos e ajuda aos pobres. Os escravos identificaram-se muito com ele, tanto pela cor da pele, como pelo estilo de vida que levava. Daí os escravos passaram a adotá-lo como Santo Padroeiro. A imagem de São Benedito foi assim introduzida na Festa da Marujada. Nos dias de hoje, ele é venerado pelos negros e é um dos santos padroeiros do município de Quatipuru. A influência do santo é tão marcante que a festa atualmente é conhecida como Festa da Marujada ou Festa de São Benedito (BIBLIOTECA MUNICIPAL DE QUATIPURU, Registro nº 02, s/d).

Como desagregar a manifestação da Marujada de Quatipuru dos reflexos da vida cotidiana dos escravos da Ilha do Titica e da vida sofrida e esperançosa do homem atual?

No decorrer da história, as gerações vão perpassando por meio de suas danças, crenças, canções, costumes, enfim, o “retrato” de sua identidade, e vão acolhendo e compactuando daquilo que é mais próximo de seus regozijos e sofrimentos.

Por que os escravos escolheram para protetor São Benedito e não São João Batista ou outro santo?

Além de sofredor e fraternal para com os mais pobres, a cor do santo preto assemelhava-se com a raça dos escravos. São João Batista também foi perseguido, porém, a sua cor não era compatível com a cor da pele dos escravos.

A maruja, senhora Raimunda Clara da Conceição, narrou o primeiro milagre operado por São Benedito, segundo o capitão José Maria:

O capitão da marujada José Maria, nos contou que São Benedito era um homem muito bom. Ele trabalhava em um convento, como cozinheiro, quando sobrava comida ele escondia em sua veste e levava para os pobres. Um certo dia, alguém contou para o novo superior do convento dessa atitude do santo. Quando São Benedito, depois do almoço vai passando perto do novo superior, ele pediu para ver o que ele carrega em baixo de sua veste, quando o santo levantou a sua veste o que apareceu foi um balde cheio de flores, mas na verdade o que tinha naquele balde era comida. Esse foi o primeiro milagre do santo “preto”. Se você observar, São Benedito carrega no colo, além de Jesus Menino, um boque de flores (Entrevista realizada em 05.03.2013).

A maioria dos brincantes da Marujada são pessoas de baixa renda. Acolhem com fervor a presença de São Benedito que, por ter nascido em uma família pobre, acolheu por vocação a pobreza quando decidiu ser monge dos irmãos eremitas de São Francisco de Assis; era descendente de escravo e, acima de tudo, foi um homem bondoso, generoso com os excluídos, que se sujeitava em retirar alguns mantimentos do convento onde morava para levar aos famintos.

São Benedito é também conhecido como o santo protetor das empregadas domésticas. Além de negro e pobre, no convento onde foi morar, exerceu a função de cozinheiro. Para “os devotos de São Benedito sempre é bom ter na cozinha da casa uma imagem do santinho e, aos pés dele, uma xícara com um pouco de café. Não deixando faltar café para o santo nada faltará para aquela família”, dizem as marujas Raimunda Clara e Teodora (Entrevista realizada em 05.03.2013).

Essa forma de olhar com amor para os menos favorecidos faz com que aqueles que se sentem à margem da sociedade busquem, em São Benedito, a proteção do santo pobre que olha por eles.

Segundo relatos orais, com a vinda de alguns negros da Ilha do Titica para a vila de Quatipuru, os hábitos daqueles que moravam na ilha vieram consigo, inclusive suas danças e músicas. Suas tradições foram mantidas e, com o tempo, foi ganhando mais adeptos, porém, algumas transformações foram acontecendo, devido às influências de outras pessoas, mas os principais costumes foram conservados, avivando o nascer da comunidade de negros da Ilha Titica da senhora Henriqueta Sinhá.

Dona Ana relata:

Com a vinda para Quatipuru, a festa precisava de um espaço conveniente para que todo ano ela fosse realizada. Um senhor conhecido por “Chicoleta” doou para São Benedito uma área que foi construída o barracão de palha, cercado com taboca (bambu), onde a marujada passou a acontecer. Atualmente o barracão é todo de alvenaria, com uma área espaçosa ao seu redor, no qual todas as atividades da festa da marujada

são atualmente realizadas (BIBLIOTECA MUNICIPAL DE QUATIPURU, Registro nº 04, s/d).

E é exatamente neste mesmo local que durante os últimos dez dias do mês de dezembro os marujos, com suas roupas brancas e fitas vermelhas amarradas no braço direito, e as marujas, vestindo saia rodada na cor vermelha ou azul, dependendo da ocasião, camisa branca, uma fita transpassando o peito também na cor vermelha, chapéus enfeitados de penas de pato na cor branca, fitas coloridas e colares, vão dançando e louvando o santo protetor – São Benedito, ao ritmo das músicas tocadas pelos instrumentos musicais que o Grupo Raio de Sol executa, animando, assim, aquele momento festivo e conduzindo o povo a reviver o surgir da Marujada na ilha de Henriqueta Sinhá e a perceber que a cultura é o reflexo da vivência humana.



Marujos dançando pelas ruas da cidade de Quatipuru
Fonte: <http://mundodadanca1.blogspot.com>



Adereços utilizados pelas marujas
Fonte: <http://ama-visse.blogspot.com.br>

A senhora Raimunda Clara da Conceição declarou:

Danço Marujada desde os 12 anos de idade, quando adoeci e fiz uma promessa pra São Benedito, se eu ficasse boa eu pagaria a promessa dançando na Marujada. Fiquei curada e continuei dançando por que achei bonito. Hoje tenho 60 anos e só vou parar de dançar quando não der mais conta. A primeira capitoa da Marujada era minha bisavó, chamada de Maria Pretinha, isso lá na ilha do Titica, onde começou a Marujada com os escravos. A Marujada é uma roda de dança que as pessoas iam dançando ao redor da fogueira, veste aquela roupa grande e vai dançando. Foi a partir daí que formaram a Marujada. E o santo? Porque São Benedito era preto e era defensor dos pobres. Aí eles pegaram o santo e formaram a Marujada. De lá já veio pro Tororomba, onde minha vó morava, aí da minha vó trouxeram pra Quatipuru, já os branco já. Os pessoal dos Pinheiro, velha dona Juca lá de Santarém Novo, o pessoal branco foi tomando de conta. Em relação à veste, as saias que a gente usa é na cor vermelha e azul. Nos dias 24 e 25 de dezembro a gente veste a saia azul em homenagem ao nascimento de Jesus e, nos dias 26 e 27 de dezembro a gente usa saia na cor vermelha que é em homenagem a São Benedito. As fitas que tem nos chapéus dos marujos significa que os marujos são devotos do santo, mas em Quatipuru tem uma grande diferença com os marujos de Bragança, Tracuateua e Santarém Novo, lá eles não bebem vinho, não se embriagam quando estão com a vestimenta de marujo, eles respeitam, coisa que aqui em Quatipuru não acontece (Entrevista realizada em 05.03.2013).

É perceptível a ligação dos marujos com a pessoa de São Bendito. Digo pessoa pela intimidade que os marujos aparentam ter com o santo. A maioria das pessoas que

dançam a Marujada adentrou nesse universo por meio de pedidos de cura, de melhorias na vida financeira, enfim, de graças alcançadas por meio das intercessões do santo. E o que é mais relevante é que mesmo depois de pagar a promessa continuam dançando, sempre afirmando que só deixarão a Marujada quando não tiverem mais energias para continuar.

Na festividade de São Benedito, os rituais acontecem bem antes do momento maior da celebração. Em maio, os músicos da Marujada, tocando canções em louvor a São Benedito e na companhia de alguns devotos, saem pelas cidades vizinhas a Quatipuru em caminhada, conduzindo a imagem do santo e o estandarte para fazerem a “esmolação”. Ato que consiste em uma romaria na maioria acompanhada por homens que visitam as casas dos devotos de São Benedito, a pedido dos promesseiros, para que os peregrinos adentrem as suas moradas para que possam agradecer pelas bênçãos alcançadas por meio da intercessão do santo.



A chegada da equipe da esmolação na casa do promesseiro
Fonte: <http://interven virtuais.blogspot.com.br>

A chegada da pequena procissão na residência do devoto é motivo de grande regozijo. Na maioria das vezes acontece no crepúsculo vespertino e é anunciada por foguetes ou pistolas. São tocadas músicas que elevam o nome do glorioso e, para marcar este momento festivo, é cantada a ladainha - em latim popular e folias ao glorioso São Benedito. O promesheiro aproveita para agradecer pelas graças alcançadas por intercessão do santo e para fazer as suas doações.

No início do mês de dezembro, São Benedito com sua comitiva chega à cidade de Quatipuru, pelo rio, para que durante os primeiros quinze dias de dezembro façam a esmolação pela cidade, até iniciar a festividade que acontece no dia 17 de dezembro. Segundo o professor, doutor em letras, José Guilherme Fernandes, em entrevista à rádio UFPA, “a Festa da Marujada em Bragança é a maior festividade religiosa do mundo em tempo e espaço, por que acontece durante oito meses em uma região no raio de 200 km em torno de Bragança”.

Em meio a algumas semelhanças, a Marujada de Quatipuru também vivencia em relação a tempo e espaço a mesma extensão que a Marujada de Bragança. Percorrendo os campos de Bragança e os municípios vizinhos, como Primavera, Santarém Novo e São João de Pirabas, fazendo a esmolação pelas casas dos devotos de São Benedito. O que distingue a Marujada de Quatipuru da de Bragança é o início da esmolação - em Bragança inicia em abril e em Quatipuru no mês de maio.

A Marujada para o povo quatipuruense é de grande importância. Realça a vida dos munícipes e os inspira a vivenciarem, por meio de elementos artísticos, a gênese e o momento presente dessa manifestação cultural. O fato é explicitado no carimbó do compositor e cantor Dário Ramos, filho de Quatipuru, quando narra, por meio do texto musical, o surgimento da Festa da Marujada no município de Quatipuru e os personagens que foram precursores dessa manifestação:

São Benedito aonde tu estás?
 Quero sua bênção pedir
 Para os grandes amigos
 Que já partiram daqui
 São Benedito em Quatipuru
 No barracão da Marujada
 Sim! Quanta falta deixou
 Ai que saudade danada!

Ai que saudade daquele violino
 Que Mané Raimundo tocava
 Hoje deixou tão sozinho
 E do tambor com o som de igapó
 Que o saudoso Cobra tocava
 Batia suado sem dó

Vamos lembrar dos saudosos capitães
 Raimundo Fernando - Raimundinho,
 Mané Paulo, Genésio e Gatão,
 Tia Dorinha era uma Capitoa esforçada
 Dançava Peru, Carimbó,
 Retumbão, Chorado e Valsa

Não tinha quem não arrastasse o pé
 Com o som do tambor de Teúna
 Do Pedro Amorim e Pai Mané
 Com as cantigas que o Caqueiro cantava
 Botava o povo pra dançar
 No salão da Marujada

E tudo começou com Maria Pretinha
 Que depois de dançar com os escravos
 Trouxe pra cá o que não tinha
 E deu origem à Festa da Marujada
 Para a alegria do povo
 Essa festa animada

Lá vem Peru GluGlu
 Cobre a Perua
 Todos na dança do Bagre
 Pra frente, pra trás e circula!

Exaltar a Festa da Marujada para o povo quatipuruense é não deixar apagar a saudade que Maria Pretira sentira dos sons dos tambores tocados na terra africana, do gingado das danças, dos corpos suados nos momentos festivos. É reafirmar que no

sofrimento dos escravos da Ilha do Titica nasceu a alegria de muitos homens, mulheres jovens e crianças que buscam, na Marujada, o encontro entre o humano e o divino.

A idade não é problema, qualquer pessoa pode dançar a Marujada, desde que aceite a postura da capitoa, tenha a permissão da mesma para entrar no grupo e se vista com os trajes adequados.

Na primeira semana que antecede o início da Marujada, alguns homens adentram a mata para derrubarem os pés de açazeiros, que servirão de mastro para serem erguidos em frente ao barracão onde acontece a Festa da Marujada. Esse momento é repleto de alegria, pois enquanto alguns homens com seus machados começam a cortar o tronco do açazeiro para ser derrubado, outros soltam foguetes para anunciar que a Festa da Marujada de São Benedito já está próxima.

Depois de derrubado os dois troncos das palmeiras, os mesmos são empalhados com as palhas das palmeiras cortadas e, assim, no dia 17 de dezembro, as marujas vestidas de saia azul com uma fita larga, também na cor azul transpassando o peito, os marujos com calça branca e camisa branca e os músicos, em cortejo, saem pelas ruas da cidade de Quatipuru. A capitoa e a sub-capitoa comandam a dança. Dançam em duas fileiras, tendo a frente de uma das fileiras a capitoa e na outra a sub-capitoa. No final das fileiras acompanham os tocadores, comandados pelo capitão, que se apresentam de calça branca, camisa branca ou de cor, chapéu de palha pintado com tinta a óleo, na cor branca, sendo que um lado do chapéu fica com a aba virada para cima.

Pelas ruas de Quatipuru os marujos vão dançando em fila, em passos curtos e ligeiros, rodando de vez em quando. De acordo com a ordem da capitoa fazem uma evolução - as duas filas de marujos caminham pra dentro das fileiras como se fossem formar duas circunferências até se encontrarem novamente mais a frente. As mulheres, pegando na ponta da saia, vão girando uma vez ou outra, enquanto os homens, com os

braços estendidos para cima, à altura da cintura, como se estivessem tocando castanholas, vão arrastando os pés e girando de vez em quando. Ao ritmo do retumbão, marujos e marujas ao som da música plangente vão caminhando em direção ao barracão da Marujada, obedecendo ao ritmo marcado pelo tambor grande.

Enquanto o cortejo passa pelas ruas, os juízes da festa e outros marujos vão colhendo dos moradores, promesseiros e devotos de São Benedito os donativos que serão amarrados nos mastros para serem lançados, por homens mascarados, à comunidade presente no encerramento da festividade com a derrubação do mastro. O juiz e a juíza da festa seguem a procissão na frente dos marujos, conduzindo em suas mãos o estandarte de São Benedito, os quais são entrelaçados pelos mesmos. Ao chegarem ao barracão, enquanto os mastros são levantados, os marujos dançam ao redor do mastro. Ao serem levantados os mastros com os estandartes do santo na ponta, os marujos entram no salão e fazem reverência aos juízes e músicos e continuam a dança, até a capitoa dar por encerrado aquele momento.

Na noite de 24 de dezembro, as marujas de camisa branca e saia azul e os marujos de calça branca e camisa branca, vão para a igreja de São Benedito para participarem da Missa do Galo. Ao término da celebração litúrgica, saem em cortejo dançando músicas em louvor a São Benedito. Seguem para o barracão no qual farão a ceia de natal.

Logo pela manhã, no dia 26 de dezembro, os marujos saem pelas ruas de Quatipuru levando em um andor enfeitado a imagem de São Benedito, dançando ao ritmo das canções tocadas pelos músicos em louvor ao santo “preto”. Ao chegarem ao barracão da Marujada é cantada a ladainha ao santo, isso em latim popular, como forma de agradecimento pelas graças concedidas àqueles que acreditam e tem devoção em São Benedito.

Fragmento da Ladainha de Nossa Senhora, por seu Júlio Gomes, da Marujada

de Quatipuru:

Pêza, meu Senhor, de vos ter ofendido,
 Por ser de vós tão bom do tomar, de se do.
 Pêza, meu Senhor, de vós a/o maldade.
 Pois ela me afastou de vossa bondade.
 A mante se um Jesus, que na Cruz
 Morreste, salvaste a nossa alma por quem
 Paz, de sêste.
 Kireeleison
 Christeaudi nos.
 Parte de Celis Deus, misererenobis.
 _ Filho redentor mundi Deus, misererenobis
 _ Spiritus Santo Deus,
 _ Santa Trinitas Santa Deus misererenobis
 _ Santa Maria ora Pronobis
 .Santa deiGenitrix
 . Santa VirgoViginum
 . Marte Christi
 .Marte DivineGratiae
 .Marte Prurissima
 .Marte Castissima.
 .Marte inviolata
 .Marte Intemerata
 .Marte Amabilis
 . Marte Adimirabilis
 .Marte Cratoris
 .Marte Salvatoris
 .Virgo prudentíssima
 .Virgo Veneranda
 .Virgo Predleanda
 .Virgo Potens
 .Virgo Clemens
 .Virgo Fidelis
 SpeculumJusticies
 Sedes Sapientiae
 Causa nostraslaetiliae
 VasSpiritoale
 VasHonorobis
 VasInsgnodevotionis
 Rosa Mistica
 TurrisDavindica
 TurriEburnea
 Domus Aurea
 Fedelis Arca
 Janua Celi
 Stelia Matutina

Salus Infirmorum
 Refugiumperccatorum
 ConsolatrixAlfitorum
 AuxiliumChristianorum
 _ Regina Angelorum
 _ Regina Patriacharum
 _ Regina Prophetoria
 _ Regina Apostolorum
 _ Regina Matirum
 _ Regina Confessorum
 _ Regina Virginum
 _ Regina Santa Ruanium
 _ Regina Sinelabe Concepta
 _ Regina SacratissimaRossario

O mestre Come-barro declara:

“A ladainha é executada por três pessoas que tira a ladainha na frente. Pelo puxador que é o rezador que chamam tenor e contralto ou entoador também, se trata assim, né? E tem o refugidor atrás também com o contralto e várias pessoas. Quem responde atrás é povo, então todo mundo pode ajudar na resposta da ladainha. A ladainha acontece como se fosse pergunta e resposta. A gente faz três estrofes na frente e o pessoal responde uma atrás, isso é do início ao fim. A ladainha em latim que a gente canta ela vai até agnus Dei e a Salve Rainha. Ela tem uma faixa de uma hora mais ou menos, mas tem o oferecimento, os estribilhos que a gente faz, outros benditos que a gente canta. Ela vai tirar uma hora e meia mais ou menos, uma ladainha completa. Da Salve Rainha pra frente já não é mais em latim já é em português mesmo. (Entrevista realizada em 10.06.2013)

A ladainha cantada aos pés da imagem de São Benedito é uma invocação dos tocadores e marujos aos santos. Nos primeiros versos os devotos do padroeiro São Benedito, pedem perdão ao Senhor pelos pecados cometidos, os quais os afastam de Jesus, em seguida, começam a louvar o nome de Maria Santíssima, chamando-a de mãe (madre), e lhe glorificam como virgem (virgo) e rainha (regina) do céu e da terra. A primeira parte da ladainha que vai até a Salve Rainha é cantada em latim popular, as orações subseqüentes são entoadas na língua portuguesa.

É perceptível ao ouvir a execução da ladainha, variações de vozes, as quais segundo o mestre Raimundo Rodrigues Alves são denominadas de tenor e contralto. O

músico chamado de puxador (aquele que é o responsável em conduzir a ladainha) e que é contralto, e o mesmo é acompanhado por dois músicos tenores, que juntos vão cantando as estrofes de três versos, enquanto o povo vai respondendo sempre no verso seguinte.

Nesse momento espiritual os músicos e marujos tomados pela emoção do poder da oração (ladainha), fazem seus pedidos e agradecem pelas graças alcançadas, demonstrando o seu reconhecimento de criatura ao Deus Criador. Quando a ladainha é encerrada marujos e devotos de São Benedito beijam as fitas que estão amarradas aos pés do santo, como uma forma de tomar uma benção a São Benedito em nome de Deus, confirmando o amor ao protetor divino.

Essa data é o ápice na Festividade da Marujada de São Benedito.

No dia 26 de dezembro, acontece o encontro da fraternidade, no qual marujos, marujas e a comunidade em geral se encontram para celebrarem, por meio do almoço, a importância que a Festa da Marujada tem para os marujos, músicos, juízes e a comunidade em geral.

Os interessados em colaborar com a festa do ano seguinte já começam a dar seus nomes, que são anotados no “caderno do santo”. Neste mesmo dia é feita a escolha dos novos juízes da festa.

A celebração é o momento de agradecer pela participação de todos e a colaboração daqueles que fazem desse evento um reavivar da história da Marujada, que já atravessa um século, deixando em uns alegrias, em outros saudades daqueles que iniciaram essa manifestação.

Dona Maria Antônia, esposa de um dos tamboreiros mais antigos da Marujada de Quatipuru, afirma:

A marujada é uma hora que vai ser lembrado tudo do passado: dos que já foram, dos que já estiveram. É quando a gente vai lembrar, a gente vai pensar, analisar e recordar tudo. Dá uma emoção muito grande em mim. Nasci e me criei dentro dessa festa com minha família, com minhas

amigas. Quando a gente olha pro lado, olha pro outro, vem aquele vazio. Não vê mais muitos que dançaram. A gente sente muito (MARUJADA DE QUATIPURU, 2005).

O saudosismo é um sentimento que existe nos marujos e marujas mais antigos por que os faz retornarem ao passado, recordando daqueles que já partiram e dos momentos de regozijo que juntos vivenciaram.

A festividade da Marujada de São Benedito encerra no dia 27 de dezembro, a partir das 16h, quando as marujas e músicos vão até a casa de um dos marujos buscarem os mascarados.



Os mascarados a caminho do barracão para derrubarem os mastros
Fonte:<http://minhaaruanda.blogspot.com.br/2010/04/blog-post.html>

Mas, quem são os mascarados?

São alguns homens que se vestem de mulher e outros que se trajam de homens, com máscaras no rosto, e saem em cortejo com os marujos, assustando crianças, jovens e adultos até chegarem ao barracão da Marujada. Enquanto os mascarados arremessam os donativos para o povo ali presente, os músicos tocam e os marujos dançam ao redor dos mastros. Quando terminam de jogar os presentes que estavam nos mastros, os

mascarados retiram as bandeiras com a imagem de São Benedito e adentram o salão, juntamente com os marujos e músicos, e participam da despedida do chapéu, dançando.

A Marujada de Quatipuru perpassa, por meio de suas mais variadas manifestações, a vivência do homem passado e o reinventar do homem presente, conduzindo-nos a percebermos que nessa relação, entre o passado e o presente, as gerações futuras vão sendo reconstruídas com seus hábitos, credices e costumes. Com sua forma de aprender e ensinar por meio de suas tradições.

Para Brandão (2002, p. 33):

Cada ser humano é um eixo de interações de ensinar-aprender. Assim, qualquer que seja, cada pessoa é em si mesma uma fonte original de saber e de sensibilidade. Em cada momento de nossas vidas estamos sempre ensinando algo a quem nos ensina e estamos aprendendo alguma coisa junto a quem ensinamos algo. Ao interagir com ela própria, com a vida e o mundo e, mais ainda, com círculos de outros autores culturais de seus círculos de vida, cada pessoa aprende e reaprende. E, assim, cada mulher ou homem é um sujeito social de um modo ou de outro culturalmente socializado e é, portanto, uma experiência individualizada de sua própria cultura.

Na miscigenação de valores culturais nascem, de forma dinâmica e criativa, as “manifestações renovadas”, as quais marcam positivamente essa mistura do antigo com o novo, exaltando assim, gerações passadas e presentes. Nessa dialética dos valores socioculturais vai criando-se e recriando-se a cultura, buscando valorizar aquilo que é importante para cada grupo e dando ênfase aos valores simbólicos que homens e mulheres criam para justificar a sua existência nesse universo.

O ser humano é mutável, e a cultura, por ser resultado de sua ação, obviamente também passará por metamorfoses, ficando somente aquilo que é essencial para a sociedade.

Perante essas descobertas é necessário se sensibilizar com o universo social do outro para compreender o porquê de suas manifestações e, de uma maneira dinâmica e respeitosa, buscar entender que como agentes de uma sociedade múltipla não somos os

detentores dos saberes, mas multiplicadores de costumes e crenças que herdamos dos nossos antepassados, fazendo a partir das nossas necessidades uma releitura no mundo contemporâneo. E nesse diálogo constante vamos construindo e reconstruindo a nossa cultura.

Capítulo 2 – O GRUPO RAIOS DE SOL: REVIVENDO A MEMÓRIA NA MARUJADA DE QUATIPURU

Esmolação, levantamento dos mastros, marujos, tamboreiros, indumentárias, São Benedito, capitão, capitoa, juiz, juíza, são, enfim, os vários elementos que enaltecem a Marujada de Quatipuru e fazem com que o povo local e visitantes percebam a importância que essa festividade teve para os negros na Ilha do Titica e o valor que ela continua tendo para aqueles que buscam viver sua devoção a São Benedito, entregando-se com fervor aos ritos vivenciados nesta celebração.

Perante a grandiosidade desta Festa da Marujada de Quatipuru, faz-se necessário ressaltar a participação do Grupo Raios de Sol, que acompanha com seus toques e cantorias as celebrações festivas dessa manifestação cultural.



**Grupo Raios de Sol se apresentando em Boa Vista
Fonte: Ednaldo Gomes**

Vale mencionar que o Grupo Raio de Sol surgiu de momentos dolorosos, nos quais a mágoa de ser excluído deu espaço a esperança. E do tentar silenciar fez e faz ecoar belas canções que falam de gente, da Marujada e da festividade de São Benedito de Quatipuru.

De acordo com o mestre Come-barro:

Há quarenta e um anos já vinha participando da Marujada de Quatipuru, tocando, junto com outros músicos, só que teve um juiz que me afastou do grupo. No mesmo ano que fui afastado o juiz da Marujada de Boa Vista me convidou para tocar na Marujada de lá. Aí formei um grupo e a gente foi tocar lá. No outro ano, a dona Maria Pajé, juíza da festa da Marujada em Pirabas, soube do nosso grupo e convidou a gente pra tocar na Marujada de São Benedito lá em Pirabas, e a gente foi. Então o Grupo Raio de Sol foi criado por mim, Raimundo Rodrigues Borges, conhecido como Come-barro, os músicos que me acompanharam foi o Ozéas, Zinho e o Igor (meu neto). Esse grupo foi fundado em 18 de dezembro de 2002. E a gente tá aí animando a Marujada e tocando as nossas músicas que falam da praia, dos pescadores, do boto, da caça aos animais, do meio ambiente. Eu escrevo algumas músicas que o grupo canta e o Ozéas também. O Grupo Raio de Sol foi criado para se divertir e resgatar um pouco da cultura. O meu coisa (sic) foi o seguinte: o meu resgate para formar o Grupo Raio de Sol, porque, eu sempre fui apaixonado por esse tipo de cultura, e eu via em todo canto, poxa! Em Marapanim tem um conjunto de carimbó, Salinas tem carimbó, puxa! Quatipuru, a terra do carimbó, onde nasceu e não tem. Eu ficava, tinha aquela vontade, era meu sonho de formar um grupo, e foi indo e foi indo, até que formei. Criei o grupo, pra tocar na marujada, e em qualquer coisa, em qualquer ambiente. Tanto faz ser em dezembro, como depois, mas com o propósito de divulgar a cultura do carimbó. A marujada de Quatipuru pode existir sem o Grupo Raio de Sol, porque outro grupo pode tocar, o que não existe é marujada sem música. A marujada toco em Quatipuru, toco em Capanema, toquei em São João de Pirabas, Tracuateua, Vila Fátima, diversos lugares que tem marujada. Primavera, Boa Vista, já cantei diversas vezes. O cantar da gente é sempre voltado pra marujada, a gente leva as músicas da marujada (Entrevista realizada em 15.03.2013).

Como o mestre afirmou, o Grupo Raio de Sol foi criado por ele em 18 de dezembro de 2002, e os primeiros integrantes foram Ozéas, Zinho e Igor, seu neto, que tocavam tambores, reco-reco e pandeiro.

É perceptível que as transformações na história do homem acontecem de acordo com a sua necessidade. A partir de uma nova realidade, Raimundo Rodrigues Borges, o mestre Come-barro, abraçou uma nova causa, pautada em suas experiências

cotidianas vividas até então na Marujada de Quatipuru. O que gritara mais alto não era a ira de ter sido excluído do grupo que tocara na Marujada, mas a necessidade de deixar ecoar o canto caboclo que nascera consigo e que de maneira alguma poderia deixar de existir naquele momento. O amor as suas raízes culturais não o impossibilitou de ser forte o suficiente para provar, para si mesmo, que a sua missão não poderia ser interrompida.

Motivado pelo reconhecimento do juiz da Marujada da Vila de Boa Vista, pertencente ao município de Quatipuru e, pela dona Maria Pajé, juíza da Marujada de São João de Pirabas, o mestre Come-barro criou novas estratégias e fez ressurgir do sofrimento, a alegria de propagar, por meio das canções, o dia a dia do homem e da mulher quatipuruense e a festividade da Marujada em louvor e honra a São Benedito.

De acordo com Sonia Chada (2011, p.11), “talvez a tarefa mais importante que a etnomusicologia tenha colocado para si, seja o estudo e a descoberta do papel que a música desempenha em cada cultura do homem, passado e presente, e o conhecimento do que a música significa para o homem.”Perante essa afirmação, percebe-se nas atitudes do homem simples – Come-barro – e daqueles que o seguem, que diante dos obstáculos encontrados em sua própria terra, quando foi afastado do grupo, no qual também cantava e tocava, não deixou as vendas da ignorância conduzi-lo a não perceber o que era mais importante para si e para o seu povo e, se apropriando de seus talentos artísticos, fez emergir de uma exclusão algo que passou a chamar de Grupo Raio de Sol. Grupo que hoje toca e canta a vida do povo quatipuruense, demonstrando, assim, que cada cultura valoriza aquilo que tem de importante para ela, caso contrário, o tempo se encarregará de apagar.

Todavia, quais alternativas deveriam ser tomadas para sensibilizar marujos e a comunidade em geral a perceberem a grandiosidade que a Marujada de Quatipuru tinha e tem?

Essa mistura de desrespeito, sentimento de exclusão, amor e desejo, fez com que o mestre Come-barro se apropriasse de seus talentos musicais e criasse o Grupo Raio de Sol, que alegra as noites da Marujada no barracão e enaltece a cultura popular.

O amor à arte de compor, tocar e cantar do mestre Come-barro, perpassa as apresentações da marujada no barracão de São Benedito em Quatipuru e adentra em diversos cantos do Pará, com o Grupo Raio de Sol, anunciando o seu amor à cultura e difundindo a Marujada quatipuruense com seus toques e cantorias. E, foi pensando no desejo de disseminar a maior riqueza cultural de sua terra, que o mestre Come-barro, deu vida ao Grupo Raio de Sol, com a necessidade de manifestar o seu afeto à arte popular e de propagar a mais antiga manifestação cultural do povo quatipuruense, demonstrando a todos que na cultura existe um pedaço de cada um e que ela subsiste a partir da aspiração, dos desejos e dos anseios de cada grupo social.

O mestre Come-Barro, expressa a sua opinião sobre a receptividade do público em relação ao Grupo Raio de Sol:

Uma parte das pessoas da comunidade vê o grupo bom, outra, é aquela rivalidade como se diz assim, é, tem aquele verdadeiro ditado: “santo de casa não faz milagre”, mas muitos, quarenta por cento, aplaude, gosta. A gente quando toca em outros lugares as pessoas nos recebem com mais carinho, somos mais aplaudidos, principalmente em Belém, na capital do Estado, lá quando a gente se apresenta lá, o carinho é outro (Entrevista realizada em 15.03.2013).

Essa realidade não é somente percebida pelo fundador do grupo, mas também por outros integrantes, como explicita o Willen Rêgo:

O povo aqui recebe a música do Grupo Raio de Sol, aqui porque é assim, aqui o povo né? Não olha pro o que é daqui né? Isso eu sei, eu entendo, eu entendo, né? O povo nunca olha o que é daqui, alguns, alguns, mas é a minoria que olha pro o que é daqui entendeu? É a minoria, é a minoria, assim como você, né? Você é um grande incentivador até, né? Do Grupo Raio de Sol, da nossa música, do carimbo, né? O foco é o carimbo né. Então, o pessoal daqui não curtem muito o que é daqui, né? Só o pessoal que vem de fora, né? Eles gostam bastante, enquanto aqui é assim. Quando a gente vai tocar em Belém, a gente percebe que a energia do carimbo contagia as pessoas. Eu fui uma vez com eles pra Belém, né? Eu não me recordo o nome do evento lá e nem a praça que a gente foi lá, foi

um negócio muito bacana, inclusive tava o Pinduca, né? O Pinduca achou muito bom, o Pinduca. Então, aquilo ali, até empolgou a gente né? Porque, poxa, a gente mora no município, né? No interior, aí vai pra Belém né? Capital, aí já sente um negócio mais, aí o povo, a gente tocando aqui e o povo lá embaixo dançando. Foi muito bacana (Entrevista realizada em 27.03.2013).

Leoney Catanheide, ex-músico do grupo, também fala da necessidade da valorização do Grupo Raio de Sol pela população local:

O Grupo deveria se expandir mais, tá entendendo? Ele deveria se expandir mais, ele deveria ter um reconhecimento maior pela sociedade, a comunidade local, e ser valorizado principalmente no município, porque o município, ele deixa a desejar nessa valorização ao grupo. No sentido, no sentido vamos supor, até na parte de apoio, tipo como o comércio, e assim, e assim sucessivamente, porque em relação à prefeitura, Secretaria de Cultura, também em alguns sentidos deixa a desejar, devido o transporte, os deslocamentos, um apoio maior, num sentido maior, procurar alguma secretaria de estado para que possa vir apoiar esse grupo, pra que ele possa expandir e ser reconhecido lá fora não só como nível Pará, mas sim, Brasil (Entrevista realizada em 18.04.2013).

Dário Ramos, artista da terra, também integrante do grupo, fala sobre a importância de fazer parte do Grupo Raio de Sol:

Me sinto muito respeitado, privilegiado de estar trabalhando com uma pessoa assim, com pessoas assim, nível mestre Come-barro, que não é tão reconhecido aqui, mas, poxa tem o reconhecimento no Brasil e, é, poxa ele tem o documento, ele é mestre da cultura de Quatipuru, quem deu esse aval pra ele foi o, na época o Ministro de Cultura o Gilberto Gil, né? Não é qualquer um aqui, não é qualquer um que recebe das mãos do Gilberto Gil um título tão honroso, digamos assim. Eu valorizo demais esse grupo, e estou lá sempre que preciso. (...) O Grupo Raio de Sol parece que não é de Quatipuru, sabe. Quatipuru tem que ser reeducado, a gente tem que reeducar Quatipuru, ta, pra não ser mas, é, turista da nossa cultura, a gente tem que inserir de fato mesmo, e o Come-barro luta mesmo por isso, luta mesmo, ele trás oficinas de banjo, oficinas de rabeca, oficinas de tambor. Quando o Grupo Raio de Sol toca em Belém, aí sim, parece que o Raio de Sol é de lá, entendeu? A gente é. Você precisa ver como é o mestre Come barro aí fora, muito conceituado mesmo, o Pinduca foi lá, ele já conhecia o mestre Come barro, e o Pinduca é conhecido em todo o Brasil. É diferente, é uma aceitação diferenciada, vão lá privilegiam mesmo, parabenizam e vão em cima e querem saber de onde é, como faz pra contratar, coisas diferentes, coisas que assim a gente não vivencia aqui em Quatipuru, infelizmente. (Entrevista feita em 04.04.2013).

Assim como Dário Ramos, todos aqueles que buscam adentrar no Grupo Raio de Sol, também se sentirão acolhidos e respeitados pelo mestre Come-barro, pois além de

sua capacidade de fazer bem feito o que ama, o seu jeito de sensibilizar aqueles que se aproximam do grupo também é contagiante. Não foi em vão que um homem simples, mas íntegro naquilo que faz, foi consagrado de mestre.

Perante alguns preconceitos percebidos por parte de alguns compatriotas, o mestre Come-barro não se deixa intimidar e, com sua luta incansável, vai criando alternativas para divulgar e sensibilizar as pessoas da comunidade sobre a importância do Grupo Raio de Sol, mostrando a todos que o objetivo maior dos músicos é fazerem entender que tanto a música tocada por eles quanto a Marujada são frutos de homens e mulheres que viveram nessas terras em épocas bem remotas e que deixaram suas marcas.

O mestre é um senhor audaz, que ultrapassa as barreiras para atingir o ápice do reconhecimento do Grupo Raio de Sol e da Marujada de Quatipuru, não se deixando dominar pelos estorvos, pois é convicto de sua missão. Como prova disso, sempre está em busca de aprimoramento para o grupo, o qual o trata com muito respeito e admiração. O título de mestre faz jus a sua pessoa. Eu diria que ele é um livro vivo de conteúdo eficaz. Homem talentoso, disponível, humilde, competente, corajoso, dinâmico e vencedor. O egoísmo não faz parte de seu repertório, pois tudo o que sabe tenta repassar para aqueles que querem aprender, e, como mestre, ensina com muita dedicação e autoridade as lições que um dia aprendeu com seus antepassados.

Digno de homenagens (em vida), reconhecimento, apreciação, respeito, pois mesmo com pouca escolaridade, não se deixa intimidar com sua linguagem simples, porém, carregada de vida, de história e de amor. Não um amor qualquer, mas aquele que sente a necessidade de difundir, de cuidar, de valorizar aquilo que não é somente seu, mas de todos, para que as futuras gerações possam conhecer como foi a cultura de Quatipuru no período do Grupo Raio de Sol, do Mestre Come-barro.



**Mestre Raimundo Rodrigues, Come-barro, fundador do Grupo Raio de Sol, de Quatipuru/Pará.
Fonte: <http://blogmanamani.wordpress.com>**

Segundo o mestre Come-barro:

Hoje praticamente eu to levantando um grupo jovem, hoje, dezessete ano, dezesseis, tem dois adulto já maior de idade. Tem o Igor Sousa, ele é rabequeiro. Nos tambores toca o Yure, que é meu neto também, tem treze anos, toca outro rapaz que viajou, que ta viajando, o Raí, o Raí Cloves, Tem outro jovem aqui, tem o Rodolfo e tem o menino Joniel, também, são tudo jovem, são tudo adolescente, são tamboreiro, agora, maraqueiro tem o veterano junto comigo, aí tem o Macsuel, da barca, ele bate o meia lua, tem o menino, só chama de Sinista, eu não sei o nome completo, ele bate o pandeiro, aí o Peru [o Willen], que toca a rabeça, também já ta tocando banjo, também já ta começando a tocar sax, muito bom ele, ele e o Igor muito bom, o Peru tem professor, o Ygor não tem professor, ele toca flauta, ele toca sax, o sonho dele era tocar o sax, até que eu conseguir o sax pra ele. Tem o Domingos Junior, bate triângulo, o Ozéas, saiu do grupo, tem o menino daí, ta viajando ele, o Renilso e tem meus dois filhos que tão pra fora também, que foi obrigado eles trabalhar, eles são do conjunto, a hora que eles chego, eles tão dentro, de lá eles canto comigo no celular, é o Raimundo Nonato, conhecido por Tinho, é panderista e toca tambor também. Ele bate qualquer um tipo de instrumento que derem pra ele, e o outro é Antônio de Jesus, conhecido por Roxo, ele faz segunda voz. Eu sou o cantor principal, o Igor também já tacantando (Entrevista realizada em 15.03.2013).

Em meio a tantos nomes citados pelo Mestre Come-barro, está aí uma das provas perante a grandiosidade de seu trabalho, de seu despojamento no que diz respeito a seu fazer artístico. Há doação constante para o engrandecimento da cultura de sua cidade.

Ser multiplicador do saber popular é algo que esse homem faz e faz bem feito, isso é perceptível por cada pessoa que visita sua residência –onde acontecem os ensaios do grupo. Todos, sem exceção, são bem acolhidos e, logo são convidados pelo mestre a experimentarem(se familiarizarem) com algum instrumento musical.



O Grupo Raio de Sol, ensaiando no quintal do mestre Come-barro
Fonte: <http://maria-pretinha.blogspot.com.br>

A arte de ensinar o seu cantar está impregnada no mestre, ao ponto de atingir filhos, netos e parentes. Crescendo na companhia do pai, avô e tio que canta e toca canções de ritmos bem diferentes da atualidade, os parentes do mestre Come-barro, que também compõem o Grupo Raio de Sol, bebem e se deliciam na mesma fonte da musicalidade do senhor Raimundo Alves. A influência da prática musical do mestre junto a sua família é explicitada na presença de filhos e netos como integrantes do grupo, que tocam, cantam e encantam, com sua dedicação e eficácia naquilo que fazem, pois “a cultura, mais do que herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações” (KRÖEBER, 1950, p. 48).

O jovem, Raimundo Igor da Silva Borges, neto do mestre, comenta:

Desde os nove anos de idade, toco no Grupo Raio de Sol. Hoje tenho dezessete anos. Quando comecei a tocar no grupo, eu tocava tambor, hoje toco saxofone, mas também sei tocar todos os outros instrumentos que são usados no grupo. Eu entrei no grupo porque o meu pai me convidou, entrei e fui tocando, tocando, até hoje, e me sinto feliz ao tocar no grupo Raio de Sol, me sinto feliz ao tocar ao lado do meu pai, ele me ajudou muito a entrar no grupo. É uma coisa legal, a gente ta colocando a cultura pra frente. Eu também canto no grupo, às vezes eu canto e o meu pai me entoa, eu então ele, é a segunda voz que a gente chama. A gente canta as músicas que o papai cria, às vezes que a gente canta as músicas do mestre Verequete. A gente toca na Marujada e em outros eventos, como em aniversário. Às vezes quando a gente é chamado pra fora, a gente pode ir também, mas sempre toca carimbó e a gente leva um pouco da nossa cultura do nosso lugar. A Marujada também(Entrevista realizada em 28.03.2013).



O jovem Igor Borges, neto do mestre Come-barro, integrante do Grupo Raio de Sol, tocando banjo e cantando na companhia do músico mirim Josivaldo
Fonte: <http://maria-pretinha.blogspot.com.br>

Resultado do meio em que vive, Igor, neto do mestre Come Barro e músico do Grupo Raio de Sol, explicitou, anteriormente, que sua entrada no conjunto foi pela influência do pai, quando ainda tinha nove anos, o mesmo o convidou para ser integrante daquela equipe de músicos, e que a felicidade lhe contagia por tocar ao lado de seu genitor. Atualmente, mesmo sendo um jovem de dezessete anos, busca se aprimorar, tocando instrumento moderno, como por exemplo, o saxofone, não com o propósito de formar uma banda de música para tocar um estilo musical da atualidade, mas para enriquecer as canções ensinadas pelo seu mestre e pai.

Além de seus filhos e netos, qualquer pessoa que queira participar do Grupo Raio de Sol é bem acolhida, desde que seja dedicada e esteja disponível em anunciar as mensagens que narram a vida da comunidade e da Marujada de Quatipuru.

As visitas frequentes a casa do mestre Come-barro fez com que o jovem Breno Silva da Costa passasse a ter um escutar diferenciado das canções executadas pelo Grupo Raio de Sol, as quais despertaram interesse em aprender os toques e as cantorias do grupo e, sem criar obstáculos, aceitou o convite de ser mais um integrante dessa equipe que canta e divulga a maior manifestação cultural quatipuruense:

Eu andava muito pela casa do Mestre Come-barro, lá, a gente tava brincando de tocar lá, aí fui aprendendo, aí como tava faltando, lá tocador, aí ele me convidou pra tocar no grupo. Comecei a tocar no grupo com dezesseis anos, hoje tenho dezessete. Eu sou panderista, só que eu toco banjo, tambor. Mas o instrumento que mais toco no grupo é o pandeiro. Me sinto bem no grupo, porque é uma coisa que gosto de fazer, tocar né? Eu gosto de fazer, me sinto bem lá com eles lá. Quando toco eu tenho uma sensação boa, um sentimento de alegria, quando tou com eles lá, é bom, eu relaxo mais assim, e a gente brinca muito lá e a gente se diverte também lá. Quando toco me sinto na obrigação de agradar o público que ta vendo e o mestre Come-barro, também me sinto no dever de divulgar a cultura de Quatipuru. Quando a gente toca algumas pessoas gostam, cantam com a gente, mas outras faz cara feia assim, muitas pessoas não gostam também desse ritmo. Eu toco e canto também a segunda voz. A gente já tocou em Tracuateua, tocamos em Belém, Cumaru, por aí, assim, sempre tocando carimbó e a marujada. A minha família acha legal por eu tocar no Grupo Raio de Sol, eu saio mais da rua assim, me distraio com eles. No grupo eu cresço (Entrevista realizada em 27.03.2013).

Estar no Grupo Raio de Sol, para o jovem Breno Silva, além de ser um momento de entretenimento é também uma terapia, pois estar na companhia dos músicos é permitir o desabrochar da alegria e o difundir da cultura quatipuruense. No Grupo Raio de Sol, o jovem busca aprimorar seu lado artístico, além de se sentir na obrigação de executar a arte de tocar de maneira eficaz e prazerosa, para extrair do público e do mestre Come-barro a admiração e o respeito. A família de Breno acha louvável a sua participação no Grupo Raio de Sol, segundo relato do mesmo, pois é um meio de ajudá-lo a sair da rua e uma possibilidade de contribuir para o seu crescimento enquanto pessoa.

A existência do Grupo Raio de Sol é de suma importância para a comunidade quatipuruense, pois além de divulgar a Marujada, propicia para alguns senhores e jovens a oportunidade de vivenciarem os seus talentos artísticos e de serem agentes na propagação da cultura local.

O jovem Willen da Costa Rêgo, conhecido como Peru, relata a sua experiência como músico no grupo:

Há três anos já toco no Grupo Raio de Sol, através do Dário, um colega meu, que já participa há muitos anos do Grupo Raio de Sol, então ele me convidou um dia pra gente ir lá, na casa do mestre, né? Come-barro. Aí nós fomos lá, aí, então eu gostei, né? de ver aquilo lá, eu gostei, como eu gosto, né? de música, música pra mim é tudo, e eu vi que era um grupo bem bacana mesmo, um grupo folclórico, um grupo cultural até, né?. Aí eu fui me envolvendo, envolvendo, e to até hoje. Lá eu sou rabequeiro, no caso toco a rabeça lá, mas eu toco também, eu toco fora de lá também né? Eu faço uns bicos por aqui também. Eu toco violão, a rabeça como falei, toco teclado, contrabaixo, bateria e acordeon, né? E eu canto também, né? No grupo o meu instrumento é a rabeça. Também ajudo a cantar. Lá eu faço a segunda voz. Porque a primeira voz como sempre né? É o mestre né? Quando toco no grupo eu me sinto bem à vontade né? Porque é um negócio que eu gosto, é a música, então ali eu me sinto muito bem, muito a vontade mesmo e eu gosto, me sinto muito feliz (Entrevista realizada em 20.03.2013).

Os componentes do grupo geralmente passaram a fazer parte do mesmo por intermédio de um convite de algum conhecido ou de algum amigo que já tocava no conjunto. Ser integrante desse grupo, para Willem, é uma maneira de demonstrar o seu amor pela música, já que a mesma faz parte do seu cotidiano. Ao entrar no Grupo Raio de Sol, o jovem, além de tocar violão, bateria e teclado, se lançou com perseverança para aprender a executar a rabeça, um instrumento de cordas, de suma importância na execução das músicas da Marujada. A participação de Willem no grupo lhe permitiu a chance de melhorar a sua prática musical e de modelar seu espírito, para dar mais valor a sua cultura e a cultura de sua gente.



O jovem Willen Rego (peru), integrante do Grupo Raio de Sol, participando da oficina de rabeca, ministrada pelo músico Junior Cabral.

Fonte: <http://maria-pretinha.blogspot.com.br>

O cantor, compositor e bailarino Dário Ramos explicita a importância de fazer parte do Grupo Raio de Sol:

Faço parte do Grupo Raio de Sol há um bom tempo e sempre que um precisa do outro, estamos juntos. Entrei no grupo há três anos quando eu voltei a morar em Quatipuru, eu senti essa necessidade de estar mais próximo da cultura de Quatipuru, que às vezes a gente está aqui e eu costumo falar que a gente é tão turista da nossa cultura, né? Fica mais olhando que participando, e na verdade eu senti essa necessidade, de estar participando, de estar fazendo esta transição de conhecimento, eles com os conhecimentos e eu com os conhecimentos deles, então isso é muito bacana, ter entrado no Grupo Raio de Sol, por esse intercâmbio que a gente fez, digamos assim, o que eu sabia de moderno eu passei pra eles tipo, alinhar as vozes, abrir vozes no grupo à terça, à quinta, à segunda, eles faziam com perfeição, mas não sabiam que era tão valorizado e que poderia ser mais harmônico do que era né? E eu tentei buscar esse conhecimento pra mim também. (...)Assim o que me fez entrar no grupo, até pra ser telespectador ele é muito valorizado, mais ainda quando se insere no grupo, eu me inseri lá e, me sinto muito respeitado, privilegiado de estar trabalhando com uma pessoa assim, com pessoas assim, nível mestre Come-barro(Entrevista realizada em 15.04.2013).



O artista Dário Ramos, integrante do Grupo Raio de Sol, participando do ensaio do grupo
 Fonte: <http://maria-pretinha.blogspot.com.br>

Para Leoney Cantanheide:

Particpei como parceiro do grupo por volta de dois anos, no período de 2008 a 2010. Nós montamos um grupo de dança que foi o Maria Pretinha, na época, né? Então com isso juntou-se como parceiro o Grupo Raio de Sol, para que pudéssemos levar a cultura do município a fora ser reconhecida, porque se vê muito o reconhecimento da cultura de Bragança, onde que Quatipuru quando se apresenta fora ele não é reconhecido, ou seja, ele é desvalorizado no sentido de que acham que toda Marujada que sai dos municípios é somente Bragança, muito pelo contrário, que também nós abraçamos a raiz do município por quê? No sentido de trabalhar a cultural municipal através do foco, da essência como raiz mesmo, é diferente daquela coisa tecnológica, muito sofisticada. Então a Marujada de Quatipuru, em si, através do Grupo Raio de Sol e Maria Pretinha, ele veio trabalhar a raiz da Marujada antiga mesmo. A minha função dentro do grupo era coordenador de dança, também cantava algumas músicas dentro da roda da Marujada. (...) Que é uma cultura de raiz, é uma cultura forte, trazida dos negros como mistura indígena, né? A importância do grupo Maria Pretinha e Raio de Sol é levar a cultura local do nosso município, é tipo assim, é como se ela fosse, uma espécie de intercâmbio, da Marujada quatipuruense lá fora, ou seja, ser reconhecida, mostrar cultura, ser reconhecido e o município ser reconhecido como uma cultura antiga, da mais de 170 anos, né? Quem vive essa tradição aí e não é reconhecido lá fora, e que pudesse ser reconhecido, foi por isso que criaram o Grupo Raio de Sol e Maria Pretinha em parceria para que pudesse levar a cultura como reconhecimento lá fora, um tipo de propaganda da nossa cultura. O Grupo Raio de Sol pra mim é um grupo alegre, um grupo que faz acontecer e

tem força de vontade, né? E que quer com que a cultura quatipuruense possa ser reconhecida lá fora(Entrevista realizada em 25.04.2013).

O desejo do mestre Come-barro é também o anseio dos integrantes do grupo atual e daqueles que já fizeram parte dessa equipe musical, como o arte educador Leoney Cantanheide. Ver a Marujada de Quatipuru e o Grupo Raio de Sol, olhados como um instrumento vivo da história passada e presente dos homens quatipuruenses é o maior desejo dessa equipe que acredita em sua música como um instrumento de sensibilização, ensinamento e transformação do indivíduo. Como as águas do mar que atingem as mais profundas raízes dos manguezais, aí está o Grupo Raio de Sol, utilizando seus toques e cantorias para buscar tocar a essência das pessoas que escutam as suas canções.

Os músicos Igor Sousa (rabequeiro e saxofonista), Iury, Raí Cloves, Rodolfo e Joniel (tamboreiros e maraqueiros), Macsuel(que toca a meia lua), Willemen (rabequeiro e banjoísta), Júnior (triangulista), Raimundo Nonato (panderista), Antonio de Jesus e Dário Ramos (cantores que fazem a segunda voz) e Raimundo Alves – mestre Come-barro (cantor principal), são os personagens que compõem o Grupo Raio de Sol. Artistas de estilos musicais diversos. Mas o empenho do fundador do grupo é tão grandioso, ao ponto de sensibilizá-los a perceberem os valores culturais da localidade e atraí-los para colocar as suas habilidades artísticas a serviço da propagação da Marujada de Quatipuru, e da vida do homem e da mulher quatipuruense.



Grupo Raio de Sol, de Quatipuru/Pará
Fonte: <http://afinsophia.blog.com>

Os integrantes do grupo são pescadores, estudantes, servidores públicos e ajudantes de pedreiro, profissionais de atividades distintas que compactuam com o mestre Come-barro da mesma ideia, de que é necessário fazer ecoar os toques e cantorias daqueles que acreditam que a história de seu povo deve ser propagada, celebrada por meio do canto, em cada canto por onde esse homem passar. Esses são os músicos do Grupo Raio de Sol, que independente da estação, estão sempre aquecidos pelo fervor da cultura que corre em suas veias. Ednaldo Gomes e Silva, o criador da logotipo do grupo Raio de Sol, fala sobre a concepção do logotipo:

A concepção justamente foi a partir do nome, né? Que é Raio de Sol, então eu coloquei um sol e os seus raios iluminando, né? E a definição de cores, foi justamente àquelas cores, contraste de cores quentes pra representar o sol. Foi trabalhado justamente com essa concepção de raio de sol realmente, o sol no centro e seus raios, é foi basicamente isso, inclusive foi feito assim, foi a logomarca, foi produzida já quando já foi trabalhada a produção do CD, então, quando eles estavam produzindo o CD, então, eu que vi que havia a necessidade de ter uma logomarca pra, na capa, até pra uma questão de profissionalismo pra tentar dar uma força

pra eles, e eu fiz essa logomarca que deu certo, até hoje eles utilizam(Entrevista realizada em 30.04.2013).

O logotipo do Grupo Raio de Sol é a expressão ou síntese da essência desse conjunto musical, que com vitalidade, dinamismo, humildade e amor a sua terra, vão cantando e encantando aqueles que se deixam invadir pelo poder mágico das músicas que são executadas pelos integrantes do grupo.



Logotipo do Grupo Raio de Sol – Arte Ednaldo Gomes
Fonte: afinsophia.com

Como o sol que aquece e ilumina, assim é o Grupo Raio de Sol. Com os seus mais variados ritmos, vão despertando nas pessoas que buscam perceber nas entrelinhas dos textos musicais, a vivacidade da cultura de Quatipuru, que esses artistas propagam de forma vivaz.

Em meio aos júbilos extraídos pelas canções tocadas e cantadas pelos músicos do Grupo Raio de Sol, os instrumentos executados nessa “orquestra popular”, vão propiciando em cada andamento musical, uma emoção diferente, tanto para os integrantes do grupo quanto para as pessoas que se deixam dominar pelo poder das músicas executadas.

Os tambores, com seus sons graves, são os responsáveis pela marcação dos tempos fortes. O triângulo, o reco-reco, a meia lua, o maracá e o pandeiro marcam o contratempo.



Instrumentos musicais utilizados pelo Grupo Raio de Sol
Fonte: danbrandaio.blogspot.com

A rabeca é a responsável por acompanhar a melodia. O banjo pela harmonia. Em meio aos toques dos instrumentos musicais, a primeira voz, a do mestre Come-barro e, a segunda voz ,dos outros músicos, vai propiciando ao Grupo Raio de Sol, inspiração, criação e recriação da história da cultura local do município de Quatipuru.

Mesmo percebendo a rejeição de algumas pessoas de sua terra em relação ao estilo musical que o Grupo Raio de Sol toca, o mestre Come-barro não se deixa ser vencido perante essa situação. Amante do que faz, busca alternativas e cria estratégias para sensibilizar jovens, crianças e adultos, para que percebam a riqueza que as canções tocadas pelo Grupo Raio de Sol têm e o quanto elas propiciam a esse homem contemporâneo,

podendo desvendar de maneira mais acessível, expressões culturais do povo quatiपुरuense.

O mestre Come-barro explicita a sua intenção:

Agora eu to levantando um grupo jovem agora, eu me dei muito melhor trabalhar com o jovem, da uma dor de cabeçazinha, porque sabe como é adolescente, mulherada dá em cima, e a gente tem que taem cima, ta na hora, ta na hora do show, ta na hora de se apresentar, e não sai, não sai, mas eles são mais obediente (Entrevista realizada em: 20.03.2013).

Com o espírito artístico sempre renovado, o mestre Come-barro vai se deixando lapidar a cada dia. E com esse homem renovado, as palavras e os gestos de encorajamento vão atingindo aqueles que querem desacreditar que a música tem poder de transformar, de sensibilizar e de anunciar que o povo quatiपुरuense tem histórias, histórias que falam de gente, de Marujada e do Grupo Raio de Sol. Acreditando no poder das canções como forma de reflexão, conhecimento e transformação, o mestre Come-barro vai buscando apoio junto aos órgãos estaduais que valorizam a cultura, para sensibilizar crianças, jovens e adultos, por meio de oficinas, repassando tudo o que aprendeu e apostando nesses aprendizes, como multiplicadores do canto caboclo, pois a maior meta do mestre é fazer ecoar a essência da cultura de Quatiपुरu.

Para o mestre Come-barro:

“As oficinas que consigo para ensinar as crianças, jovens e adultos não é pra preparar esse pessoal para ser músico só do Grupo Raio de Sol, mas ser músico da nossa cidade, do nosso município, com o olhar voltado a cultura que nós temos: a marujada, o carimbó, o olhar sempre nisso. Desses que já participaram das oficinas temos fazendo parte do grupo uns quatro ou cinco. Na época toda, só de percussão era quarenta e dois, de rabeça era doze”. (Entrevista realizada em 10.06.2013)

Não importa para o mestre Raimundo Rodrigues Alves, se as pessoas que participaram ou participam das oficinas que o mesmo consegue e as oferece ao público de sua cidade, vão fazer parte do Grupo Raio de Sol. O que ele almeja é que todos aqueles que frequentaram e frequentam as oficinas ministradas em sua casa, valorizem a cultura de Quatiपुरu, e sintam a necessidade de vivenciarem com mais intensidade e entusiasmo as

suas origens, pois essa estratégia de aproximar a comunidade do fazer musical que o Grupo Raio de Sol toca e canta é uma forma para sensibilizar crianças, jovens e adultos a sentirem na prática a essência da música que narra a vida do povo quatipuruense.

Como resultado das oficinas ministradas, algumas pessoas já começaram a olhar para o Grupo Raio de Sol de forma diferenciada, detectando nesses músicos a história viva da comunidade passada e presente de Quatipuru, proclamadas em suas canções, e sentindo-se tocadas pelos gêneros musicais que o grupo executa, cinco dos muitos participantes das oficinas, hoje fazem parte da equipe do mestre Come-barro, os quais também tocam e cantam o carimbó, a mazurca, a valsa, o chorado, o retumbão, o xote, engrandecendo a cultura local e o Grupo Raio de Sol.

A seguir fotos de algumas oficinas organizadas pelo mestre:



O mestre Come-barro ensinando jovens e senhores a tocar e cantar o ritmo da Marujada
Fonte: <http://maria-pretinha.blogspot.com.br>



O mestre Come-barro ensinando adolescentes a tocar o curimbó
Fonte: <http://maria-pretinha.blogspot.com.br>



Integrantes do Grupo Raio de Sol se familiarizando com a rabeca
Fonte: <http://maria-pretinha.blogspot.com.br>



Na oficina de rabeca os alunos aprendendo as técnicas para lidar com o instrumento
Fonte: <http://maria-pretinha.blogspot.com.br>

Reconhecer o mestre Come-barro como o protagonista do Grupo Raio de Sol é um mérito ainda minúsculo diante da grandiosidade que esse personagem representa para a cultura de Quatipuru. Esse ser incansável, de auréola reluzente, é digno de respeito e admiração. É mensageiro invencível das incredulidades de muitas pessoas e sustentáculo do conjunto que tanto ama – o Grupo Raio de Sol.

As canções do grupo são uma das maiores expressões da cultura local. Dão vida a festa da Marujada de São Benedito de Quatipuru e atingem o interior de muitas pessoas. A maruja Rubenita Gomes dos Santos expressa a sua admiração pelo grupo e ressalta que o mesmo é a peça chave da festa da Marujada:

O Grupo Raio de Sol eu vejo como um grupo que faz parte da Marujada, porque assim, se não for através daqueles instrumentos não tem como acontecer essa festa né? Uma vez que o Grupo Raio de Sol sempre esteve presente dentro dessa festa, bom, acho que é uma peça fundamental dentro do grupo da Marujada, né? Eu definia o Grupo Raio de Sol dentro da festa da Marujada como a peça chave. Sem a junção do Grupo Raio de Sol com a Marujada essa festa não aconteceria por que quem iria fazer? Uma vez que é tudo com o som do pau e corda, né, então não tem um

outro, as pessoas aqui não diretamente assim, ah eu vou chegar lá e tocar, não tudo tem que ser um acontecimento de todo ensaio de todo o grupo né? E sem esse grupo não funcionaria de jeito nenhum. (...) eu me sinto muito feliz dançando na Marujada, com certeza, porque, sabe a gente deixa nos levar por aquele som, e nossa, eu acho que é uma lavagem pra alma da gente (Entrevista realizada em 12.04.2013).

Neta do escravo Manoel Cássio do Rosário, o pai Mané, um dos escravos da ilha do Titica, onde foi a gênese da Marujada quatipuruense, a jovem Rubenita Gomes, cresceu vendo e ouvindo as danças e as canções da Marujada. Integra a festividade do Glorioso São Benedito há 12 anos e percebe a preciosidade dessa experiência enquanto maruja, explicitando que a música tocada pelo Grupo Raio de Sol “é uma lavagem pra alma da gente”.

Os toques e cantorias do Grupo Raio de Sol atingem muitas pessoas, conduzindo-as a perceberem o papel que o grupo tem na comunidade quatipuruense e o seu compromisso com as coisas da terra, como expõe Ednaldo Gomes e Silva:

O Grupo Raio de Sol ele tem a formação dele como a mais importante e a principal dentro aqui da região de Quatipuru e das localidades em função do tempo de formação e inclusive com o seu cantor principal que é o Come-barro, que ele é conhecido como o mestre da cultura popular paraense já reconhecido inclusive, né? Então é o Raio de Sol, ele tem essa importância muito grande pra cultura local, do município de Quatipuru. Infelizmente existe aquela questão como diz aquele ditado “que santo de casa não faz milagre”, infelizmente, porque lá fora eles são de uma importância extrema, esse o próprio Come-barro, como o nome do Grupo Raio de Sol, ele tem uma importância como já falei uma importância cultural muito grande no estado do Pará, mas infelizmente a população local não valoriza isso, não enxerga essa importância, infelizmente. Eu acredito que estratégias de marketing, né? A própria o poder público, fazer essa valorização tem que partir principalmente do poder público, né? Para poder valorizar, trabalhando com estas questões de marketing, colocando na televisão, fazendo propaganda, trazendo pesquisas pra cá regionais, né? Pra justamente pra que as pessoas valorizem o grupo. Acredito assim, que o poder público deveria traçar umas estratégias justamente pra isso, né? Talvez um engajamento maior faria, faria com que ele pudesse ser mais valorizado. Assim cara, eu acredito na importância, no valor cultural que ele tem pro município né? Que deveria ser muito mais explorado a enquanto que a do poder público, voltando ao poder público ele contrata grupos de fora gasta, por exemplo, gasta cinco mil reais num grupo de fora e pro Grupo Raio de Sol aqui gasta mil reais, então existe esta disparidade, né? Essa questão de valorização, é isso que nós precisamos, dar valor o que nós temos no lugar a gente precisa fazer isso daí o poder público tem que enxergar, tem que ter esse olhar, e assim

como toda a população, porque ele é de extremo valor cultural pro município ele é o principal grupo musical que o município tem. O Grupo Raio de Sol ele seria o carro chefe da cultura de Quatipuru, justamente por essa questão da importância histórica que ele tem, né? Quando se envolve a Marujada, quando, quando envolve toda essa questão histórica da, da origem de tudo isso, né? O Grupo Raio de Sol ele é justamente esse elo de ligação entre essas duas coisas né? Essa parte antiga da Marujada de Quatipuru com a parte mais atual da cultura, da expressão cultural(Entrevista realizada em 30.04.2013).

Mesmo sem muito apoio dos órgãos competentes, como relata Edinaldo Gomes, o Grupo Raio de Sol vai se afirmando a cada dia, demonstrando a todos que cultura é construção diária, mesmo com desafios.

O Grupo toca e canta a sua “realidade”, a história do homem e da mulher dessa terra chamada de Quatipuru, servindo como ferramenta de reflexão da identidade cultural local, pois a música também é o reflexo da vivência das sociedades, e a mesma transmite valores afetivos, morais, religiosos e políticos. De acordo com Anthony Seeger: “a música é, assim, um recurso social que, em certos momentos, vai ser utilizado junto a outros recursos sociais” (2008, p. 20).

Para compreender a história de cada sociedade é necessário estudá-la em todos os seus aspectos. A música é construída pelo homem e para o homem, por isso, é impossível separá-la da sociedade, vista que, implicitamente ou explicitamente, ela carrega consigo a essência desse indivíduo ou dessa comunidade, narrando suas alegrias, angústias, esperanças, e a sua história. A música não é uma ilha, mas uma parte de “um todo”, ela é o reflexo do interior e do exterior do homem. Ela é o eco para aqueles que tentam dizer o que muitos não querem escutar.

O Grupo Raio de Sol é exatamente isso - a voz que proclama com seus toques e cantorias a história cultural da comunidade de Quatipuru.

Capítulo 3 – Cantorias e toques com paus e cordas.

O Grupo Raio de Sol é o responsável pela música que acompanha a Marujada de Quatipuru, anunciando a festividade de São Benedito e exaltando a vida do povo quatipuruense e sua cultura, patrimônio artístico musical transmitido oralmente, como já mencionado.

Essa prática musical, por um lado, faz esculpir pela memória um repertório constantemente renovado, que ao mesmo tempo se funde e se particulariza, mas por outro lado se fragiliza diante da influência progressiva da comunicação de massa, tornando-se suscetível ao esquecimento, ao preconceito e à dissolução, além de manter esse conhecimento restrito às comunidades ou aos grupos que o cultivam.

Relatar por meio das canções o amor pela cultura local exaltando a Marujada, as belezas que Quatipuru tem, o mangue que é a maior fonte de renda do município e a vida simples do homem e da mulher da região do salgado é especialidade do Grupo Raio de Sol, que com o ritmo do carimbó, retumbão, valsa, mazurca, xote, chorado, e outros, os músicos, com os seus talentos, vão transformando em arte musical os elementos que compõem a cultura quatipuruense e, em parceria com a Marujada local, Grupo Raio de Sol e marujos reascendem em cada encontro festivo, a chama do amor pelas origens culturais. O Grupo Raio de Sol é um LP vivo, narrando o passado e o presente dos homens e mulheres quatipuruenses.

É perceptível em cada canção tocada e cantada e nos arrasta pés dos marujos e marujas a essência de um povo que quer deixar soar as suas origens, sendo amantes das lições ensinadas por seus ancestrais e aprendidas por esses homens e mulheres sedentos do saber popular, que independente da idade, da escolaridade, da cor ou raça, lançam-se com vigor nesse universo mágico da Marujada, que além de serem transportados ao mundo mais remoto, também se conectam com o transcendental, transformando-se em propagadores do humano e do divino.

O mestre Come-barro exprime assim a sua experiência musical junto ao Grupo

Raio de Sol:

A gente não vive de música, a gente faz música porque ama a cultura mesmo. Eu tenho pra mais de sessenta músicas copiada, só que a gente não executa toda; a que a gente toca e canta mais, tem numa faixa de vinte a vinte e cinco. Eu escrevo música pra alunos apresentar na escola, faço a letra e crio a melodia. Pra mim, fazer os versos, a poesia isso é rápido, pra melodia tem que dá tempo, tem que procurar o jeito, o tom. Escrevi uma, falando da natureza. Pra cantar, pra todo mundo ter cuidado com a natureza. (...) Essas músicas falam de São Benedito, porque a música da Marujada a gente faz ela improvisada, ninguém escreve ela, não tem compositor, pro cara compor ela pra depois cantar. A gente faz na hora. Cada qual faz um verso. O que é mais elogiado é a louvação a São Benedito, a festa é dele, né? E a louvação da Marujada, digamos; chegar uma autoridade, o prefeito, uma coisa, a gente canta, um verso pra ele, naquele ritual, naquela música. E é assim, a música da Marujada, também a gente canta, o retumbão também, se torna a mesma coisa, pra louvar a quem ta dançando, entra um dançarino novo, vai dançar, a gente faz um verso pra ele, agradecendo ele dançar e tal. A cada música é um estilo diferente, o retumbão é diferente do cântico da Marujada, da roda da Marujada, o cântico dele é outro. Já o chorado, não tem cântico, só tem música mesmo, só o violino. Os instrumentos que a gente utiliza é rabeça, banjo, pandeiro, tambores, maracá, triângulo, reque-reque, fifeiro, meia lua, a gente usa a onça na esmolação de São Benedito, só na esmolação, isso era costume, ela era usada só na esmolação, não era colocada na Marujada, hoje a gente ta querendo colocar. Já tem conjunto por aí que tem a onça no carimbó. Hoje já no nosso grupo, estamos fazendo, estamos fazendo a música da Marujada, já tocada no sax, criação nossa daqui. O meu neto Igor aí ta tocando sax, e ele já ta tocando a Marujada no sax, fica bonito. As pessoas que compõe o Grupo Raio de Sol além de mim, tem o Igor que é no Sax, e toca banjo, quando vem o outro rapaz lá de Capanema, que faz parte do conjunto, cada um, eles se reveza, ele toca o sax, ele toca o banjo, mas quando vem o Cleito lá de Capanema, eles se revezam, ele toca um bucado sax e o Cleito toca o banjo, quando ele cansa, o Cleito passa a tocar o sax, e ele o banjo, e assim vai, eles faz o revés, eles dois. (...) Sinto emoção no momento que

toco e canto, principalmente quando a gente sobe no palco pra cantar e o povo aplaude, a gente sente muita emoção, fica mais ativo, dá mais força, dá mais voz, o cara se solta mais. Tenho um caderno cheio de músicas feitas por mim, tenho um CD gravado. A gente toca xote, valsa, mazurca, peru, chorado, retumbão, carimbó, arrasta pé. O xote começa lento, depois esquentando mais, a valsa é bem lenta, a mazurca é dançada puladinha, o peru é o cavaleiro com a dama, a dama com aquela saioná querendo cobrir o peru, o chorado dança o cavaleiro com a dama também, é lento também, o retumbão é lento também, o carimbó é acelerado, é arretado, arrasta pé é tipo uma marchazinha sabe, é um frevo, uma marchazinha (Entrevista realizada em 10.04.2013).

O Grupo Raio de Sol canta e toca suas raízes, não por fins lucrativos, mas pelo amor a sua cultura, pois, com o espírito sempre renovado, a equipe musical do mestre Come-barro vai deixando, por onde passa, suas mensagens de vida, saudade, esperança e vontade de vencer.

Na simplicidade das canções e nos toques dos tambores, rabeca, banjo, pandeiro, maracá, triângulo, reque-reque, fifeiro, meia lua, e atualmente o saxofone, o Grupo Raio de Sol vai anunciando com ardor festivo o seu amor à existência da Marujada de Quatipuru e os seus anseios pelo reconhecimento das coisas da terra.

Ao escutar a execução das músicas tocadas e cantadas pelo Grupo Raio de Sol surgem vários questionamentos: qual a finalidade de se tocar o retumbão, o chorado, a mazurca e a valsa? Em pleno século XXI, qual a necessidade de continuarem tocando tambores, rabeca e violino?

Segundo Sônia Chada (2011, 17)

Para a Etnomusicologia, a música é algo que porta uma verdade que não se encontra exclusivamente na sua dimensão sonora, não sendo, portanto, passível de uma definição meramente como arte de organizar os sons; se assim fosse, um aprofundamento da Musicologia poderia dar conta de reter todo seu significado. O sentido da música aponta, para outros domínios da cultura; seu significado opera em vários níveis de consciência. Logo, deve-se tomar como pressuposto básico que a compreensão da música só possa dar-se pela inter-relação entre os sons musicais e fenômenos que se dão fora deles, os quais se originam na sociedade, na cultura e/ou na mente humana.

O Grupo Raio de Sol narra, por meio de seus toques e cantorias, o surgimento da Marujada na Ilha do Titica, da senhora Henriqueta Sinhá, as transformações que foram acontecendo nessa manifestação com o passar do tempo, além da vida do homem contemporâneo, o fazer do homem simples: a sua pescaria, o seu roçado, enfim, os seus amores.

As músicas tocadas pelos músicos do grupo perpassa a extensão da sonoridade, elas são resultados de uma vida passada sofrida e esperançosa, pautada na vivência de um povo escravizado, que buscou em sua fé, a solução para o alívio das dores por meio da música, da dança e de seu santo protetor - São Benedito. E hoje elas resistem ao tempo, porque são de fundamental importância para aqueles que a praticam e que acreditam no poder que elas têm em sensibilizar o indivíduo, ao ponto de conduzi-lo a uma reflexão sobre a sua função cultural na sociedade em que vive.

O músico Willen Rêgo descreve as temáticas das músicas que o Grupo Raio de Sol entoam:

As músicas que a gente toca ou canta ela fala ou da Marujada que é a cultura daqui ou então do santo né. São Benedito, ou então os dois em uma música só, fala da Marujada e São Benedito que é padroeiro do evento, da cultura, da festa, da festividade. Tem carimbós também que falam sobre a pescaria, sobre a preservação do meio ambiente. Tem lá uns carimbós que o mestre fez que fala do município de Quatipuru que é muito bom, muito bom mesmo. Tem músicas que o mestre fez que fala sobre o meio ambiente que fala na fauna, na flora, muito. Eu não tenho a música como uma profissão, bom por enquanto né (Entrevista realizada 20.03.2013).

Percebe-se no relato mencionado anteriormente pelo jovem Willen, que a particularidade do Grupo Raio de Sol está exatamente em exaltar a sua terra, a sua gente e a Marujada do seu lugar. Esse grupo se diferencia dos demais por erguer a voz em defesa daquilo que é “seu”, acreditando em seus toques e cantorias como instrumento de transformação e sensibilização do povo de Quatipuru.

O artista Dário Ramos explana a sua função no grupo e a importância que o mesmo tem em sua história artística e cultural:

Mesmo tendo toda essa experiência cantando em bandas, eu era meio alienado sobre a minha cultura, e hoje eu tou incluso nela assim de corpo e alma. (...) não sabia abrir a terça, a quinta, fazia mais a segunda, e aprendi com eles, e juntei, o útil ao agradável, né? (...) A minha função dentro do grupo é multiuso: eu toco tambor, aprendi tocar tambor que eu não sabia, não sabia nem o que era curimbó, que é o tambor maior do carimbó, não sabia instrumento nenhum assim, artesanal, né? Aprendi a tocar um pouquinho de banjo que não sou chegado muito a corda, mas a minha função mesmo lá é cantar e abrir vozes, organizar as vozes no grupo.(...) O Grupo Raio de Sol é um grupo inspirador, por tudo o que eu era em relação aqui me tornei, o conhecimento que fui tendo, enriqueceu mais o meu aprendizado, com o Grupo Raio de Sol, eu aprendi muita coisa lá, tem umas pessoas muito ricas mesmo em conhecimento, e um conhecimento que eu não tinha. Os outros participantes não tem o mesmo olhar que tenho pelo grupo, são olhares diferentes, mas a ânsia é a mesma, anseiam a mesma coisa(Entrevista realizada em 15.04.2013).

Independente dos saberes musicais que o artista Dário Ramos trazia consigo, se unir ao Grupo Raio de Sol foi descobrir novos mecanismos que o possibilitou a crescer mais ainda no universo musical.

Grupo de pessoas simples, alguns até sem instrução escolar, mas carregados de talentos no que diz respeito à música popular.

Grupo digno de reverência, admiração e aplausos constantes, pois se preocupa em tocar e cantar a vida de sua gente, os seus desejos e anseios no que diz respeito à valorização cultural de sua terra. Músicos que narram histórias passadas e presentes, tentando inculcar naqueles que escutam e apreciam as suas canções, da importância das “coisas” do seu lugar e da sua gente.

Grupo que está sempre disponível em ensinar e aprender, pois, nesse acolhimento constante fica explicitado a sua maior aspiração - deixar sempre acesa a chama dos valores culturais do povo de Quatipuru.

Tocando carimbó, mazurca, xote, chorado, peru, valsa e retumbão, o Grupo Raio de Sol em parceria com a Marujada de Quatipuru, são, em cada encontro, aulas vivas da essência cultural do povo dessa terra.

O carimbó é o ritmo mais arretado, segundo o mestre Come-barro, compasso binário, inicia com o banjo que faz a harmonia, sendo acompanhado pelos maracás que imitam o som da natureza e pelos tambores que marcam o ritmo. A rabeca faz o solo da música.

O retumbão tem andamento lento e compasso quaternário. Aqui o rabequeiro faz a introdução da música, o banjo a harmonia, enquanto o carimbó, o reco-reco, o triângulo e o pandeiro são responsáveis pelo acompanhamento rítmico. O mestre Come-barro, com alguns músicos cantam em duas vozes. Tanto o retumbão quanto o chorado apresentam as mesmas batidas rítmicas no tambor.

O compasso do xote é binário. Não tem introdução. Inicia com o clarinete seguido pelos demais instrumentos. Os tambores é quem ditam o ritmo base. O xote é somente instrumental.

A valsa é de ritmo lento, compasso ternário, sendo que o instrumento que faz a harmonia é o banjo. O triângulo, o reco-reco e os tambores marcam o ritmo da música. A música é instrumental.

Nesses gêneros musicais, a rabeca acompanha a voz, tocando a linha melódica.

Nesse universo musical percebe-se, nas canções tocadas e cantadas, a grandiosidade de cada composição e o clamor das mensagens estampadas nas letras de cada música.

É explícito o afeto do Grupo Raio de Sol a amada terra quatipuruense, está estampada nas canções que esse grupo canta e encanta àqueles que se deixam invadir por seu repertório.

Glorioso São Benedito
Letra: Mestre Come barro

A e, meu São Benedito
A e, meu São Sebastião(bis)
Abençoe essa marujada
Que é nossa tradição (bis)

Que santo é aquele que vem aculá?
É São Benedito que vem nos salvar.

Que Santo é aquele que vem no andor?
É São Sebastião é Nosso Senhor.

Percebe-se na canção intitulada de Glorioso São Benedito a súplica dos devotos ao santo “preto” e a São Sebastião (santos guerreiros), com a filosofia de propagar o cristianismo de forma diferenciada, porém, lutadores do amor maior – a salvação.

Na canção explicita-se, o rogar do personagem aos santos protetores, para que eles derramem bênçãos sobre a Marujada, que é tradição.

Nas entrelinhas existe o medo do compositor da canção em relação ao desaparecer da Marujada. Acredita-se que perante aos obstáculos vivenciados por ele, em relação a sua exclusão do grupo que tocava na Marujada antes de criar o Grupo Raio de Sol, o mesmo suplica, na primeira estrofe, a benção dos dois santos (São Benedito e São Sebastião), para que nada de maléfico acontece com as manifestações culturais de sua terra, de sua gente.

A renda do município (carimbó)
Letra: Mestre Come-barro

Meu povo eu vou contar
A renda que o município tem.
Tem legumes, tem carne

Tem banana também
 Tem tucupi e tem farinha
 Que se vende muito bem.

Tem bolo de macaxeira
 Melancia e ração
 Mandioca e milho verde
 Tem cará e tem feijão
 Tem suco de maracujá
 Para se tomar com pão.

Temos o caranguejo
 O sururu e camarão
 Temos a carne de frango
 Para nossa refeição.

Temos os nossos comércios
 Que pagam seus impostos também
 Loja e supermercado
 Paga os direitos que tem.

Todos os impostos são pagos
 Todo mês é arrecadado
 A renda da agricultura
 Do marisco e do pescado.

A pimenta no tucupi
 Para quem tem bom paladar
 Tem também a tapioca
 Para fazer o tacacá.

O artista retrata em sua canção a renda dos munícipes de Quatipuru, além de enfatizar os alimentos existentes nesse lugar. De uma forma clara, ele enfatiza uma das obrigações do cidadão brasileiro, em especial quatipuruense, com seu compromisso cumprido em relação ao pagamento dos impostos.

Nessa canção, o mestre Come-barro exalta o município de Quatipuru com suas produções de frutas, legumes, farinha, caranguejo e camarão.

Canta passarinho (carimbó)
 Letra: Mestre Come-barro

Tava no meio da mata
 Sabiá fazia seu ninho

A floresta se alegrou
Com o canto do passarinho.

Coro: Passarinho cantou, cantou, cantou
Passarinho cantou, cantou
Depois avoou.

O respeito e a admiração pela irmã natureza é um dos temas abordados pelo mestre Come-barro em suas canções, como é percebido na música intitulada “Canta passarinho.” É visível o amor desse personagem para com a natureza, quando o mesmo contempla a vida dentro da mata, esse ser que observa atentamente um sabiá que constrói um ninho e, ao mesmo tempo, proporciona a vegetação na qual se encontra regozijo pelo seu belo canto, e ao término da canção o sabiá voa como forma de agradecimento às árvores ali existentes pelo reconhecimento do seu cantar.

Final do Verão (carimbó)
Letra: Mestre Come-barro

Chegou mês de dezembro
Já está findando o verão
O inverno vem chegando
Canta o pássaro carão.

Coro
Canta piassola
Canta auçanã
Canta o soco boi
Cinco horas da manhã.

A letra do carimbó “Final do Verão” é o anúncio da nova estação que está por vir, a qual é proclamada pelo canto do pássaro carão (Ave gruiforme, aramídea- *Aramus s. scolopaceus* - , de coloração pardo-escura, com brilho esverdeado nas rêmigese na cauda; cabeça, pescoço e peito pintados de branco, e mento branco), piassola, auçanã e pelo boi, o compositor demonstra por meio de sua canção a harmonia que existe entre as estações do

tempo e os animais que habitam esse espaço.

Bicho (carimbó)

Letra: Mestre Come-barro

Ah é Maria, vai ver o que deu no bicho
 Ah é Maria, vai ver o que o bicho deu
 Ou se foi o macaco, ou se foi o leão
 Ou se foi o gato, ou se foi o pavão.

Maria, eu sempre te disse
 Que esse teu bicho ia dá dinheirão
 Mas você que fez capricho
 Agora o teu bicho
 Já vale um milhão.

Coro

Já vale milhão
 Já vale milhão
 Agora teu bicho
 Vale dinheirão.

O carimbó com o tema “Bicho”, narra sobre a personagem Maria, que arrisca no jogo do bicho, sem se importar com o resultado da aposta, e que mesmo sendo impulsionada a ver que bicho foi sorteado, ela não faz caso, e perde a oportunidade de multiplicar o prêmio da aposta por causa de sua teimosia.

Carimbó da Iraúna

Letra: Mestre Come-barro

Plantei arroz no baixo
 Iraúna que comeu (bis).

Xou, xou Iraúna
 O arroz é meu
 O arroz é meu. (bis)

O arroz é meu
Xou, xouiraúna
O arroz é meu

Iraúna, ave conhecida também como graúna, é o personagem principal desse carimbó do mestre Come-barro que, segundo o compositor, ela comeu o arroz que ele plantou na parte baixa de seu terreno e, ao avistar a iraúna devorando o seu arrozal, ele a enxota utilizando a expressão xou, avisando a ave que o arroz é de sua propriedade.

Noite de Lua Cheia (carimbó)
Letra: Mestre Come-barro

Na noite de lua cheia
Eu sair para pescar
Ouvi a voz da linda sereia
Lá fora nas ondas do mar.

Coro:

Noite bonita é uma noite de luar
Eu vi, eu vi, o boto rosa pular.

Na intimidade com as águas do mar, por ser pescador, o compositor Come-barro descreve na música “Noite de lua cheia”, os encantos das marés, nas quais durante as noites enluaradaso pescador tem o privilégio de ver e ouvir o cantar da sereia nas ondas do mar e a coreografia do boto rosa a deslizar na paisagem natural.

Carimbó do Papagaio
Letra: Mestre Come-barro

Papagaio fez uma festa
Ele mesmo ia tocar
Periquito no cheque-cheque
E o macaco no ganzá.

Coro
 Cutia no violino
 Na cintura dava nó
 Pica pau no pau furado
 Fazendo a vez do carimbó
 E do carimbó, e do carimbó (bis).

A música com a temática “carimbó do papagaio” mostra a força que a cultura tem, ao ponto dos ritmos tocados pelo Grupo Raio de Sol inspirar o papagaio, o periquito, o macaco, a cutia e o pica-pau a comungarem do mesmo estilo musical.

Nafesta da Marujada (xote)
 Letra: Mestre Come-barro

Aonde tem mulher bonita
 Pra alegrar a rapaziada
 Venha em Quatipuru
 Na festa da marujada
 Senhor juiz que é o dono do forró
 Pega a cobra e dá um nó
 No romper da madrugada
 Raio de Sol é conjunto
 Agita lá só tem mulher bonita
 Na festa da marujada.

A canção “Na festa da Marujada” mostra os atrativos existentes na festividade de São Benedito ou festa da Marujada. Nessa celebração festiva, além das mulheres bonitas que atraem os rapazes, faz-se presente também o Grupo Raio de Sol, que toca até o raiar do dia, alegrando a todos.

Chinelo cantou (carimbó)
 Letra: Mestre Come-barro

Pisei na pedrinha
 A pedrinha rolou
 Pisquei pra mocinha
 A mocinha gostou.

Coro
 contei pra mamãe
 Mamãe me brigou
 contei pro papai
 Chinelo cantou
 Chinelo cantou
 contei pro papai
 Chinelo cantou.

Na canção “Chinelo cantou”, o artista mostra a maneira rude dos pais repreenderem seus filhos, pois, o menino, personagem principal da música, ao relatar a sua atitude aos seus pais, de ter piscado para a mocinha e da mesma ter gostado de seu gesto, foi censurado por sua mãe por meio de palavras, e de seu pai levou uma surra (mensagem implícita na frase: chinelo cantou).

Quatipuru é cidade (carimbó)
 Letra: Mestre Come-barro

Quatipuru é cidade
 Ela é meu lugar
 É uma cidade nova
 Um pedacinho do Pará.

Coro:
 É uma cidade boa
 É minha terra querida
 Eu sempre te amarei
 Pro resto da minha vida.

Como amante de sua terra, o mestre Come-barroexalta, mais uma vez. Quatipuru, divulgando através do texto musical “Quatipuru é cidade”, a mocidade que essa cidade tem, e o estado na qual está localizada.

O compositor conclui sua música fazendo uma declaração de amor a sua terra, dizendo que sua afeição por ela será eterna enquanto ele existir.

Homenageando Pirabas (carimbó)
Letra: Mestre Come-barro

Oi meu Quatipuru
Do estado do Pará
Eu fui em Boa Vista
Encarnado em Mirinzal.

Mais nesse tempo
Tudo no mundo se acaba
Me lembrei de Japerica
E São João de Pirabas.

Praia do portinho
Fica na beira do mar
A baixo da Fortaleza
Onde mora o Rei Sabá.

Coro:
É o Rei Sabá, é o Rei Sabá
Na Praia da Fortaleza
É onde mora
O Rei Sabá.

A composição musical “Homenageando Pirabas”, do mestre Come-barro, conduz-nos a perceber um personagem morador de Quatipuru, que sai de sua cidade, disfarçado de planta que alivia a dor, para a vila de Boa Vista, e que ao chegar nessa localidade, o saudosismo a Pirabas invade o seu interior, conduzindo-o a lembrar-se do

portinho situado à beira do mar, da ilha da Fortaleza, local onde habita o monumento que, segundo a lenda, é o castelo onde mora o Rei Sabá.

Menina tu dança bem (carimbó)
Letra: Mestre Come-barro

Menina tu dança bem
Dança bem não dança só
Vamos lá pro meu lugar
Pra dançar o carimbó.

Coro:
Eu sei que tu vai comigo
Mas teu pai não quer deixar
A dança do carimbó
A melhor dança do Pará.

Movido pela arte de dançar da menina, a composição “Menina tu dança bem”, do mestre Come-barro, refere-se ao desejo de querer ver o gingado da moça na dança do carimbó de sua terra. E percebendo que a jovem sente-se seduzida pela novidade, e que a mesma vai consigo, ele lhe esclarece sobre a vontade de seu pai em não querer que ela vá, mas, mesmo assim, ele continua lhe instigando quando exalta o carimbó como a melhor dança do Pará.

Camisinha (carimbó)
Letra: Mestre Come-barro

Tá fazendo mais de uma semana
Que trabalho nesse cartaz
Pra vestir camisinha nele
Pra não deixar nu
Esse rapaz.

Coro:
Pra vestir camisinha nele
Pra vestir camisinha nele

Pra vestir camisinha nele
Pra não adoecer do seu joelho.

Você tem que usar camisinha
Para não adoecer
Você pode pegar uma doença
Se for a aids você vai morrer

Coro:

Pra vestir camisinha nele
Pra vestir camisinha nele
Pra vestir camisinha nele
Pra não adoecer do seu joelho.

A aids não tem cura
Ela pode matar
Se você não quiser morrer
Você tem que se cuidar.

Coro:

Pra vestir camisinha nele
Pra vestir camisinha nele
Pra vestir camisinha nele
Pra não adoecer do seu joelho.

Preocupado também com a vida das pessoas, o mestre Come-barro, em sua música intitulada “Camisinha”, faz uma alerta sobre o perigo da aids, e busca sensibilizar a todos sobre a importância do uso do preservativo, e quais consequências terão aqueles que não se preocupam em se proteger.

Terra do festival (carimbó)
Dário Ramos

Quatipuru é a terra do festival
Vem todo mundo do Pará prestigiar
Principalmente o festival do caranguejo
Tem uma vez no ano inteiro
É a melhor festa do Pará
Aqui vem som de primeira classe
Tupinambá, Magnético, Madri
Quatipuru é minha terra querida

Peço a santa aparecida
De nunca sair daqui

Em setembro também tem uma grande festa
Conhecida festival do camarão
A gente dança se diverte a noite inteira
Só naquela bebedeira já formou-se tradição

Em dezembro tem festa da Marujada
Muito falada no estado do Pará
A gente dança que sua até a meia
Carimbó sobe poeira
Melhor dança do Pará.

Dário Ramos, integrante do Grupo Raio de Sol, apropria-se da sua arte de compor e expressa, por meio da música “Terra dos festivais”, a sua saudação a cidade de Quatipuru.

Descreve, nessa canção, as festas mais importantes desse município, demonstrando a relevância que cada encontro festivo desse tem, suplicando a Virgem Aparecida para que o conserve sempre em Quatipuru, para poder usufruir das manifestações culturais de sua cidade.

Carimbó do Tacacá
Letra: Mestre Come-barro

Hoje eu fui no meu roçado
Arrancar mandioca para ralar
Pra tirar a tapioca
E fazer meu gostoso tacacá.

Coro:
Mariquinha rala a mandioca
Espreme a massa seu João
Que amanhã eu vou à feira
Pra comprar o camarão.

Por meio da música “Carimbó do Tacacá”, o mestre Come-barro revela a vida de algumas pessoas da zona rural, as quais sobrevivem do roçado. Ele demonstra, através da canção, o trabalho em equipe, quando diz que vai a roça tirar a mandioca, quando pede para Mariquinha ralar a raiz que ele extraiu da terra, e ao seu João, ordena que esprema a massa da mandioca ralada, pois precisa ir à feira para comprar o camarão.

Carimbó do Saci

Letra: Mestre Come-barro

Meu amor quando tu vai
Eu quero ir com você
Quero aprender a dança
Do Saci Pererê.

Coro:

Assim, assim, assim
Que é a dança do Saci.

Na letra da música “Carimbó do Saci”, do mestre Come-barro, o ser amado questiona a sua amada sobre a sua partida, e ele lhe esclarece do desejo de não deixá-la viajar sozinha, pois pretende estar em sua companhia para que ela o ensine a dançar a dança do saci pererê.

Carimbó da Beira da Praia

Letra: Mestre Come-barro

Eu tava na beira da praia
Quando o Saci Pererê apareceu
Com cachimbo na boca
E com cigarro de palha na mão
Dizendo fume que o cigarro é seu.

Coro:

Eu não vou fumar meu senhor
Eu não vou fumar meu senhor
Porque eu nunca fumei.

A rejeição é explicitada na canção “Carimbó da Beira da Praia”, do mestre Come-barro, quando o mesmo relata sobre um personagem que está na beira do mar, e é surpreendido por um saci pererê, que com um cachimbo na boca e um cigarro de palha na mão lhe entrega o mesmo, dizendo que o cigarro é do tal personagem, mas sem hesitar, ele recusa a oferta do saci.

Preservação do Mangue (carimbó)

Letra: Mestre Come-barro

Juntos meus amigos
Vamos preservar
O nosso manguezal
Para ele não acabar.

Coro:

Cuidado minha gente
Que a natureza é doente
Vamos preservar
O nosso meio ambiente.

Vamos ter muito cuidado
Com a grande desmatção
Pois é do nosso mangue
Que tiramos a alimentação.

O nosso manguezal
Não devemos destruir
A maior renda do município
Pois nós tiramos dali.

Não jogue lixo no rio
Para o mangue não aterrar
Cuidado com a poluição
Nós temos que preservar.

Ser agente transformador da conscientização em relação à natureza é tarefa do mestre Come-barro e do Grupo Raio de Sol, que por meio de suas canções, sensibilizam os indivíduos a amarem a mãe terra.

Na música “Preservação do Mangue”, ele convida as pessoas a se unirem e juntos preservarem o meio ambiente. Ele tenta tirar as vendas daqueles que não querem perceber que se continuarem agindo de forma insensível com a natureza correrá o risco de perderem os manguezais, espaço de onde é extraída a sobrevivência de muitos moradores de Quatipuru. E conclui enfatizando “Nós temos que preservar”.

Glorioso São Benedito (carimbó)
Letra: Mestre Come-barro

Glorioso São Benedito
Padroeiro do lugar
A cidade está em festa
Com a Marujada a dançar. (bis)

Coro:
Essa tradição é dos primeiros
O carimbó paraense
É patrimônio
Brasileiro (bis).

A devoção a São Benedito é um dos maiores motivos da existência da Marujada e do Grupo Raio de Sol. A canção “Glorioso São Benedito”, do mestre Come-barro, faz uma louvação ao santo “preto” que é o patrono da cidade de Quatipuru, e lhe comunica sobre a festa da Marujada, afirmando que essa tradição é bem antiga e que hoje é reconhecida como patrimônio do povo brasileiro.

Festival da Marujada (carimbó)
Dario Ramos

Quatipuru tem o melhor do Pará
Festival da marujada
Ó festa boa pra dançar
18 de dezembro começa a zuada lá no barracão

Convidando os paraenses pra confraternização
 E neste mesmo dia
 Marujas nas ruas dançar e rodar
 Passando nos bairros enfeitando os mastros
 E muito obrigado diz a capitoa e o capitão
 Vambora meu povo
 Alevantar o mastro lá no barracão.

Quatipuru, tem...
 Festa boa pra dançar
 Vamos carimbolar, merengar, xotear
 Só não pode parar
 Tomar uma geladinha
 Para a poeira baixar
 E pra tirar ressaca
 Bebo tacacá cuia de açai
 Visito os balneários
 Que existem por aqui
 Que é uma beleza
 É a natureza
 Presente por lá
 É um pedaço do céu
 No estado do Pará.

Quatipuru tem o melhor do Pará
 Festival da Marujada
 Ó festa boa pra dançar
 No dia 24, na missa do galo
 As marujas estão lá
 Pedindo ao santo preto
 Proteção pra este lugar
 E saindo da igreja
 Tem a santa ceia
 Lá no barracão
 Vamos ceiar com as marujas
 Que é uma tradição.

Quatipuru tem...
 Festa boa pra dançar
 No dia 26 tem a comeria
 Lá no barracão
 Comer e beber de graça
 Faça a sua doação.
 No dia 27, no último dia
 Oh! Saudade daqui
 Na derrubação dos mastros
 Nós vamos nos reunir
 Para falar da festa
 Que foi um sucesso

Foi só curtição
 Levantar os mastros
 Eu me divertir
 Revi os amigos
 Bebi açai
 Na missa do galo
 Deus abençoou
 E se fiz algo errado
 Que Deus me perdoe
 E que São Benedito
 Te abençoe.

Na música “Festival da Marujada”, de Dário Ramos, o compositor faz uma retrospectiva da festa da Marujada de Quatipuru, descrevendo os momentos marcantes dessa celebração, desde o início da festa até o encerramento.

Ele relata sobre a importância da festividade de São Benedito quando implicitamente ele diz nos seguintes versos: “no dia 27, no último dia, oh! Saudade daqui”. Percebe-se o saudosismo estampado daqueles momentos que ofereceram regozijo ao povo de Quatipuru e aos visitantes na festa da Marujada de São Benedito.

Diversidade Cultural (carimbó)
 Dário Ramos

Jesus quando voltou a terra
 Ficou encantada com o que viu

Com a diversidade cultural
 Que encontrou no meu Brasil (2x)

Por que o susto se foi Ele mesmo
 Quem nos deu o dom
 E semeou na mata, mar,
 Na terra, ar, Amazônia
 E os seus filhos com o que ele deu
 Só fez aprimorar
 A cada estado
 Com sua própria cultura popular
 Em Minas Gerais tem Catira
 Maranhão Samba Criola

Em Recife Frevo, Olinda
 São Paulo terra da garoa
 Danço Samba Enredo no Rio
 Me atou em Manaus no boi
 Mar a baixo Macapá
 Belém bela Bahia Guajará

Chegou no Pará, parei
 Dancei carimbó, fiquei (2x)

Foi no Pará
 Numa cidade chamada Quatipuru
 Que o coro afinou, a mão bateu
 E fez tu Ru cu tu
 Negros e índios abrem roda
 Bota o povo pra dançar
 E foi assim que começou
 O carimbó no meu Pará.

Nessa mistura de raças, costumes e crença, originou-se o povo brasileiro, foi pensando nessa miscigenação e no sincretismo religioso que o compositor Dário Ramos compôs a música “Diversidade Cultural”, na qual ele nos convida a passear por alguns estados brasileiro e sentirmos a cultura de cada povo, e ao chegarmos em nossa tão amada cidade de Quatipuru, arrastarmos os pés, dançando o carimbó ao som dos toques e cantorias do Grupo Raio de Sol, sentindo em nossa alma que somos filhos da terra e que aqui se canta e se dança a nossa cultura.

Essa é uma parte do repertório do Grupo Raio de Sol, ainda desconhecida por muita gente e rejeitada por outras, mas perante esses descasos o mestre Come-barro, homem incansável, que não se deixa abater pelas dificuldades, muito menos pela ausência de respeito em relação ao seu brilhante trabalho junto ao Grupo Raio de Sol, sem dúvida alguma, continuará persistindo com a sua vocação, pois carrega em sua essência o amor à cultura local, em particular a Marujada de Quatipuru. O mestre vive constantemente

criando estratégias para possibilitar ao grupo oportunidades para ser instrumento de difusão da cultura local.

Quando percebe que algumas portas se fecham para que o Grupo Raio de Sol possa sensibilizar, divulgar aquilo que de fato é a sua missão, o mestre Come-barro, não se deixa vencer, e a partir das dores do descaso de muitos que não reconhecem e nem querem reconhecer o valor que esse homem tem, em particular para a cultura de Quatipuru, ele, devoto fiel de São Benedito, apropria-se da vida dolorosa do seu santo protetor e parte a caminho de novas possibilidades, as quais favoreçam crescimento para o Grupo Raio de Sol, e para a cultura do povo quatipuruense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Grupo Raio de Sol com seus toques e cantorias na Marujada de Quatipuru revela a dinâmica de homens simples, filhos da terra, que se apropriam de seu talento artístico para narrar, por meio de suas canções, o surgimento da Marujada de sua cidade, além de propagar a cultura de sua gente no Festival da Marujada no barracão de São Benedito, e em outros locais.

Por meio de suas canções, os músicos do Grupo Raio de Sol, vão sensibilizando a comunidade local e aqueles que têm a oportunidade de ouvirem o seu canto caboclo, a perceberem a devida importância que o grupo tem para a comunidade quatipuruense, e para a Marujada de São Benedito, pois seus toques e cantorias são expressões da vida do homem passado e presente, os quais nos convidam a refletir a nossa participação como agentes transformadores na sociedade que estamos inseridos.

O Grupo Raio de Sol é um grupo ímpar, que sabe como encontrar alternativas para sobreviver aos preconceitos e a ausência de apoio. Seu fundador, o senhor Raimundo Rodrigues Alves, o mestre Come-barro, que ama sua arte de compor, vai se deixando invadir pela voz do coração que clama por respeito às coisas de sua terra, de sua gente, e vai suplicando a São Benedito, santo protetor do grupo e da Marujada de Quatipuru, proteção para a cultura local.

Nas oficinas de rabeca, curimbó, banjo, pandeiro e reco-reco, que o mestre Come-barro consegue perante algumas instituições que valorizam a cultura, o mesmo utiliza de estratégia para que crianças, jovens e adultos, possam se familiarizar com esses instrumentos musicais, com o intuito de perceber que a cultura é repassada de geração pra geração, e que algumas se perdem no tempo por falta de disponibilidade em ensinar aquilo que é belo e em conceber os fatos que narram às histórias passadas e presente.

O Grupo Raio de Sol, unido a Marujada, vai criando resistência perante aos obstáculos, e como instrumento de sensibilização, vai narrando por meio dos toques, cantorias e danças, a essência da geração passada a qual é reverenciada por muitos homens e mulheres na sociedade contemporânea.

Viva São Benedito, a Marujada e o Grupo Raio de Sol, que entrelaçados pelas fitas da esperança, vão fazendo acontecer o que há 175 anos na Ilha do Titica de Sinhá Henriqueta se ensaiava.

A Festa da Marujada é a grande demonstração do sustentáculo da cultura de Quatipuru, pois “a cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo” (Kroeber, 1950, p. 49).

Agora, somente resta àqueles cidadãos quatipuruenses, que não buscam perceber a essência de sua cultura explicitada nos toques e cantorias do Grupo Raio de Sol, e na Marujada de São Benedito, a se sensibilizarem perante essas expressões culturais, e admitirem para si próprio, que esses homens, mulheres e crianças são protagonistas da história cultural do povo de Quatipuru.

Referências Bibliográficas.

BENJAMIN, Roberto. *A África está em nós*. vol. 3. João Pessoa: Editora Grafset, 2004.

_____. *A África está em nós*. Vol. 4. João Pessoa: Editora Grafset, 2005.

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL SATURNINO MARQUES. “*Histórico da Festa da Marujada*”. Manuscrito original não publicado. Quatipuru/Pará, s/d – a, b e c.

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL SATURNINO MARQUES. “*Histórico de Quatipuru*”. Manuscrito original não publicado. Quatipuru/Pará, s/d – a, b e c.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação como cultura*. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

CHADA, Sônia. “*Caminhos e fronteiras da Etnomusicologia*”. In: *Cadernos do grupo de pesquisa Música e Identidade na Amazônia*. Org. Lílíam Barros e Paulo Amaral. Belém Pará: PPGArtes/Pakatatu, 2012.

KROEBER, Alfred. “O superorgânico”, in Donald Pierson (org.), *Estudos de organização social*, São Paulo, Livraria Martins Editora, 1949.

“Antropology”. *Scientific American*, vol. 83, 1950.

Marujada de Quatipuru <https://www.youtube.com/watch?v=4tVjX5VQPfo> (acessado em 22.02.2013).

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. “*A música como fenômeno sociocultural – perspectiva para uma educação musical abrangente*”. In *Contexturas: o ensino da arte em diferentes espaços*. João Pessoa: UFPB, 2006.

REILY, Suzel Ana. “*Manifestações populares: do “aproveitamento” à reapropriação*”. In *Do Folclore à Cultura Popular – Anais do Encontro de Pesquisadores nas Ciências Sociais*. Org. Suzel Ana Reily e Sheila M. Doula. São Paulo: USP, 1990.

SEEGER, Anthony. “*Etnomusicologia/antropologia da música – disciplinas distintas?*” In *Música em Debate: perspectivas interdisciplinares*. Samuel Araújo, Gaspar Paz, Vincenzo Cambria (Org). Rio de Janeiro: MAUD X, FAPERJ, 2008.

Sites acessados:

<http://ama-visse.blogspot.com.br>

<http://blogmanamani.wordpress.com/focalizadores/>

IBGE, 2010 - <http://www.ibge.gov.br>

<http://maria-pretinha.blogspot.com.br>

afinsophia.com

danbrandao.blogspot.com

[:http://minhaaruanda.blogspot.com.br/2010/04/blog-post.html](http://minhaaruanda.blogspot.com.br/2010/04/blog-post.html)

interven virtuais.blogspot.com

danbrandao.blogspot.com

<http://mundodadanca1.blogspot.com>

<http://portalquatipuru.com>